

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Luciana Paula de Melo**

**OLHA-ME AQUI! A AÇÃO PEDAGÓGICA COM AS CRIANÇAS DE DOIS ANOS  
DA UMEI MARIQUINHAS**

**Belo Horizonte**

**2010**

**Luciana Paula de Melo**

**OLHA-ME AQUI! A AÇÃO PEDAGÓGICA COM AS CRIANÇAS DE DOIS ANOS  
DA UMEI MARIQUINHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação Infantil pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Isabel de Oliveira e Silva

Belo Horizonte

2010

MELO, Luciana Paula de. Olha-me aqui! A ação pedagógica com as crianças de dois anos da UMEI Mariquinhas

Olha-me aqui! A ação pedagógica com as crianças de dois anos da UMEI Mariquinhas/ Luciana Paula de Melo – 2010. 94 f. il 30 cm

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, dez. 2010.

Orientação: Professora Isabel de Oliveira e Silva, Faculdade de Educação

1. Crianças de dois anos 2. Desenvolvimento em ambientes coletivos 3. Educação infantil

**OLHA-ME AQUI! A AÇÃO PEDAGÓGICA COM AS CRIANÇAS DE DOIS ANOS  
DA UMEI MARIQUINHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação Infantil pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 27 de novembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

---

Isabel de Oliveira e Silva– Faculdade de Educação da UFMG- Orientadora

---

Iza Rodrigues da Luz- Faculdade de Educação da UFMG- Examinadora

*i.*

***Fico Assim Sem Você***

*Abdullah/ Caca Moraes*

***Avião sem asa,  
Fogueira sem brasa,  
Sou eu assim, sem você  
Futebol sem bola,  
Piu-piu sem Frajola,  
Sou eu assim, sem você...***

***Porque é que tem que ser assim?***

***Se o meu desejo não tem fim  
Eu te quero a todo instante  
Nem mil auto-falantes  
Vão poder falar por mim...***

***Amor sem beijinho,  
Buchecha sem Claudinho,  
Sou eu assim sem você  
Circo sem palhaço,  
Namoro sem abraço,  
Sou eu assim sem você...***

***Tô louco prá te ver chegar  
Tô louco prá te ter nas mãos  
Deitar no teu abraço  
Retomar o pedaço  
Que falta no meu coração...***

***Eu não existo longe de você  
E a solidão é o meu pior castigo  
Eu conto as horas pra poder te ver,  
Mas o relógio tá de mal comigo...***

*Eu não existo longe de você  
E a solidão é o meu pior castigo  
Eu conto as horas pra poder te ver,  
Mas o relógio tá de mal comigo*

*Por que? Por que?*

*Neném sem chupeta,  
Romeu sem Julieta,  
Sou eu assim, sem você  
Carro sem estrada,  
Queijo sem goiabada,  
Sou eu assim, sem você...*

*Porque é que tem que ser assim?  
Se o meu desejo não tem fim  
Eu te quero a todo instante  
Nem mil auto-falantes  
Vão poder falar por mim...*

*Eu não existo longe de você  
E a solidão é o meu pior castigo  
Eu conto as horas prá poder te ver,  
Mas o relógio tá de mal comigo...*

## Resumo

Este trabalho foi desenvolvido pensando, especificamente, nas crianças de dois anos devido à fase em que se encontram no seu desenvolvimento, e, no mal estar gerado nos profissionais da educação infantil que não conseguem lidar com determinadas situações que surgem nesta faixa etária. Pensando nos obstáculos que vão surgindo no decorrer da adaptação a uma nova rotina para a turma, (retirada das fraldas, bicos e o apego com a família), e no processo de transição no qual as crianças deixam de ser bebês e entram na fase de serem crianças, que precisam aprender a controlar os esfínteres, largar as chupetas, comer sozinhas, enfim, um caminho na construção da autonomia. Para alguns educadores isto, impossibilita o desenvolvimento do desejo de assumirem as turmas de dois anos, pois a dificuldade da criança de se comunicar oralmente e expressar os seus desejos e as angústias, os choros e birras sem motivos aparentes, acabam se transformando em um enorme transtorno de como lidar com esta situação. Porém, tem que haver uma sensibilidade do educador para contornar os obstáculos que vão surgindo ao longo da rotina das crianças, com muita criatividade e disposição, criando situações de contações de histórias, teatros, brincadeiras de acordo com a faixa etária.

Palavras-chaves 1. Crianças de dois anos 2. Desenvolvimento em ambientes coletivos 3. Educação infantil

***Às pessoas mais importantes do mundo e que são minhas fontes de inspiração e energia em tudo o que faço...***

***Stephanie, Pedro, Isadora, Juliano e Arthur.***

***Agradeço a Deus pelos pais e irmãos que tenho e que sempre me incentivaram a seguir em frente e nunca desistir, dando o melhor de mim em tudo o que faço, a Fabiana que nos últimos dez anos vem mostrando o verdadeiro significado da palavra amizade, com seu jeito de menina ao mesmo tempo de mãezona, a Cleo com seu jeito compenetrado e engajado nas coisas que são consideradas sérias e importantes sem nunca esquecer de estender as mãos aos amigos que seguem ao seu lado, a Lisa que com seu jeito de menina mimada e irreverente, trouxe mais alegria e união ao quarteto das Mariquinhas, ao tio Wa pelo apoio, a nossa orientadora Isabel, pelo carinho e estímulo e a Gracinha pela atenção e carinho com o grupo.***

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	13
2.1- Contextualização da UMEI Mariquinhas.....	14
2.2- Contextualização da turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas.....	17
3- OS DILEMAS ENCONTRADOS NAS TURMAS DE DOIS ANOS INTEGRAL DA UMEI MARIQUINHAS.....	19
3.1- Adaptação e rotina: a afetividade e a confiança na relação educador/aluno de dois anos integral .....	21
3.2- Quando surgem as primeiras barreiras.....	34
4- OLHA O QUE ELES ESTÃO APRENDENDO... ..	38
5- A ARTE DE REPRESENTAR AOS DOIS ANOS .....	51
6- O COMPARTILHAR DAS REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DAS CRIANÇAS DE DOIS ANOS. ....	67
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
8 – APÊNDICES.....	73
8.1 – Projeto Eu e o mundo: Olha-me aqui!, desenvolvido com as crianças de dois anos integral no primeiro semestre do ano de 2010.....	73
8.2 – Projeto Teatro na educação infantil: os pequenos artistas, desenvolvido com as crianças de dois anos integral no segundo semestre do ano de 2010.....	77
8.3 – Autorizações para desenvolvimento e conclusão da pesquisa junto às crianças de dois anos integral do ano de 2010 da UMEI Mariquinhas.....	80

## 1. INTRODUÇÃO

### OLHA-ME AQUI! A AÇÃO PEDAGÓGICA COM AS CRIANÇAS DE DOIS ANOS DA UMEI MARIQUINHAS

O presente trabalho tem sua origem em minhas inquietações de educadora, que atuando em uma Unidade Municipal de Educação Infantil há cinco anos, percebe a necessidade de vencer a grande resistência das educadoras da UMEI Mariquinhas em atuarem junto às crianças da turma de dois anos, período integral, reconhecendo-as como seres capazes de opinar e participar no processo de aprendizagem.

De acordo com DIDONET (2001), uma instituição educacional para crianças pequenas tem, antes de tudo, a missão de acolher, de ser o lugar do encontro e de estar aberto para o novo, o original, o criativo.



Figura 1 – As crianças brincam de faz de conta, utilizando o espelho do berçário

Em uma tentativa de valorizar a criança de dois anos e despertar o interesse dos demais educadores em atuarem junto a estas crianças, foi desenvolvido um projeto de intervenção pedagógica na turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas, que tratou de questões que envolvem o processo de desenvolvimento da linguagem da criança e sua importância na relação educador/criança da turma de dois anos.

É justamente a interação que se estabelece entre adulto e criança a permitir o nascimento e o desenvolvimento da linguagem. (BONDIOLI e MANTOVANI, 1998, p.207)

A pesquisa e a intervenção pedagógica apresentam como tema Olha-me aqui! A ação pedagógica com as crianças de dois anos da UMEI Mariquinhas realizou uma série de estratégias e ações que visam o melhor atendimento às crianças de dois anos e aos educadores da UMEI Mariquinhas. Estas ações e estratégias possuem uma abordagem qualitativa, que permitiram compreender as dificuldades dos educadores envolvidos e intervir de forma a tornar aceitável a ideia de desenvolver trabalhos e atividades pedagógicas com as crianças de dois anos, respeitando os pontos de vista e neutralizando possíveis pontos negativos que possam intervir na relação das educadoras e as crianças da turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas.

A abordagem qualitativa (...) é, um método de investigação que procura descrever e analisar experiências complexas. Partilhar semelhanças com os métodos de relações humanas na medida em que, como parte do processo de recolha dos dados, devemos escutar corretamente, colocar questões pertinentes e observar detalhes. (BOGDAN; BIKLEN, 1994 p.291)

A abordagem qualitativa desta pesquisa permitiu observar, coletar, descrever, interpretar e analisar os dados e situações de forma a alcançar maior compreensão e esclarecimento sobre o desenvolvimento da criança de dois anos, assim como compreender e intervir junto aos educadores que apresentam resistência em aceitar a participar do cotidiano escolar destas crianças, alcançando melhor atendimento aos educadores e as crianças da turma de dois anos integral, garantindo qualidade, satisfação e realização profissional dos educadores.

Segundo BONDIOLI e MANTOVANI (1998), a posição interativa educador e criança coloca em recíproca a relação, não somente as qualidades inatas das estruturas linguísticas de base e a influência do ambiente circundante, mas também a contribuição da pessoa que educa a criança. Essa pessoa é responsável pela

continuidade do desenvolvimento das capacidades comunicativas da criança, partindo de uma fase pré-linguística e alcançando a fase linguística através de uma constante motivação em comunicar e interagir por parte da criança.

A coerência da construção do pensamento, mostra às crianças e educadores que, para fazer-se entender, precisam buscar seu envolvimento nas atividades realizadas, proporcionando assim, o prazer de estar junto destas crianças quando alcançam seus objetivos, descubrem suas potencialidades e o mundo a sua volta, como um ser participante e ativo neste processo de aprendizagem fazendo uso da oralidade para expressar seus pensamentos e desejos de forma clara e precisa.

Para a realização deste plano de ação contei com a parceria de mais três educadoras da UMEI, em que montamos um grupo de estudos, nos fins de semanas e feriados para elaboração de atividades, montagem e redação deste texto.



**Figura 2 – Cleonice, Fabiana e Lisa. Nosso grupo de estudo para realização do plano de ação e montagem da monografia.**

## 1- CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A revolução industrial proporcionou várias mudanças em nossa sociedade, e dentre elas as que mais afetaram a educação foi a saída das mulheres em busca de uma colocação no mercado de trabalho. Esta última, afetando diretamente as crianças de 0 a 6 anos, que necessitavam de um local seguro e de confiança para ficarem durante a ausência da mãe, dando origem as creches (palavra de origem francesa que significa manjedoura).

A história da educação infantil em Belo Horizonte passou a ser definida legalmente a partir da constituição de 1988, pois passa a fazer parte da primeira etapa da educação básica.

A educação infantil pré existia a constituição de 1988, porém os jardins de infância como eram conhecidos, eram acessíveis para poucas crianças. As creches eram locais conhecidos como assistencialistas para as mães que trabalhavam e precisavam de segurança ao deixar o seu filho sem preocupação.

Na década de 70 inicia-se a expansão da educação infantil a partir convênios formados pelos governos, que proporcionaram através de políticas públicas um aumento do número de creches conveniadas. Em 1988 a constituição federal apresentou avanços nos direitos da infância ao reconhecer a necessidade de ofertar a educação infantil às crianças desde o nascimento até os 6 anos. Idéia esta reforçada pela Leis de Diretrizes e Básicas da Educação Nacional- LDBEN nº 9.394/96, que afirma no artigo 11 inciso V, que afirma se responsabilidade dos municípios oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas.

Até o ano de 2001, quando foram realizadas pesquisa pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais - SEE/MG e o Instituto Nacional Estudos Pedagógicos – INEP-MEC, Belo Horizonte apresentava baixo atendimento das crianças de 0 a 3 anos, que eram atendidas por setores privados.

A ausência de atendimento público para crianças de zero a três anos em creches parece revelar pouca sensibilidade do poder publico municipal com a problemática da guarda, cuidado e educação de filhos de mulheres trabalhadoras. (Dalben, etial. 2002. p.45)

A busca pela educação infantil de qualidade para todas as crianças, visando o respeito à individualidade e bagagens socioculturais, assim como sua diversidade étnico racial, sem exposição a quaisquer tipo de discriminação, a Secretaria Municipal de Educação –SMED, vem realizando várias ações que proporcionam melhorias na capacitação dos profissionais da educação infantil. Dentre estas ações está o curso de Pós-graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica-LASEB com especialização em Educação Infantil, do qual participo visando um melhor atendimento das crianças da turma de 2 anos integral da Unidade Municipal de Educação Infantil Mariquinhas.

## **2.1- Contextualização da UMEI Mariquinhas**

A UMEI Mariquinhas, situada à Rua Acalífa, 209 do bairro Juliana, em Belo Horizonte, foi fundada em 12 de maio de 1995, inicialmente conhecida como Creche Mariquinhas, surgiu a partir da necessidade das famílias que pertenciam ao movimento dos sem casas, que chegaram à região em final de 1991, em ter um lugar seguro para que seus filhos pudessem ficar durante o período em que estivessem trabalhando no terreno cedido, pelo então governador de Minas Gerais Newton Cardoso, em que estava sendo construída a vila.

A própria comunidade se mobilizou para iniciar a construção da creche, que a princípio era uma grande barra feita com mourões e lonas, onde estava localizado o único banheiro da vila.



**Figura 3 – As aulas sob a lona**  
Foto de Paulo Versian

Em 1993, o prefeito Patrus Ananias inicia a urbanização da área e envia a primeira professora concursada paga pela prefeitura de Belo Horizonte. No ano de 1996 o então prefeito Célio de Castro faz doações de veículos a serem leiloados à Associação Municipal de Assistência Social – AMAS, que atendendo ao pedido da comunidade da Vila Mariquinhas inicia a construção do prédio de alvenaria em parceria com os moradores. Criou instalações mais adequadas que eram compostas por: cinco salas de aula, um berçário, uma cozinha com refeitório, uma dispensa, uma lavanderia, um banheiro social, um banheiro infantil masculino e um banheiro infantil feminino, o pátio, o jardim e a área de recreação.

Surge a Unidade de Educação Infantil – UEI Mariquinhas, onde os funcionários são vinculados a AMAS até o ano de 2005, quando é realizada a transição das UEIs em UMEIs (Unidade Municipal de Educação Infantil), passando a ser de total responsabilidade da prefeitura municipal de Belo Horizonte, onde passou por melhorias na estrutura física, recebeu mobiliário novo, que promove maior conforto e segurança as crianças, assim como novos brinquedos e melhor estrutura da área de recreação que foi transformada em um parquinho com brinquedos adequados a faixa etária das 205 crianças atendidas.



**Figura 4 - Entrada da UMEI Mariquinhas ano 2010**

O quadro de funcionários da UMEI Mariquinhas possui atualmente, quatro cantineiras uma em desvio de função (auxiliando na secretaria), quatro serventes, dois porteiros, dois vigias noturnos, uma auxiliar de secretaria, duas coordenadoras (educadores quem assumem esta função), vinte e cinco educadores (nos três turnos) e a vice-diretora, que é nomeada de acordo com as eleições realizadas na escola pólo Minervina Augusta, onde é definida a direção da UMEI.

Esta nova estrutura tem sua direção e organização vinculada à Escola Municipal Minervina Augusta, e os educadores que atuam dentro da UMEI Mariquinhas são concursados, garantindo uma formação mínima em magistério, para atuarem com as crianças de 0 a 5 anos e oito meses.

Ainda de acordo com o Projeto Político Pedagógico da UMEI Mariquinhas, os educadores devem contribuir no desenvolvimento integral destas crianças, físico, cognitiva, afetivo e socialmente, através de atividades culturais, lúdicas, recreativas e no auxílio à construção do conhecimento, fortalecer a criança no conhecimento de si mesma e do mundo que a cerca, desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, múltiplas linguagens, artes visuais e musicais, coordenação motora, respeitando o limite de cada criança e oferecer noções básicas de higiene e saúde através da colaboração das famílias, e uma alimentação nutritiva e de qualidade com o auxílio da Secretaria Municipal de Abastecimento.

## 2.2- Contextualização da turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas



**Figura 5 - Turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas ano 2010**

A turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas é composta por 16 crianças, sendo 11 meninos e 5 meninas, que permanecem na unidade no período de 07h00min as 17h20min. Estas crianças estão iniciando o processo de controle de esfíncteres e de desenvolvimento da fala. Nesta turma apenas quatro crianças possuem domínio de expressão oral, ou seja, são capazes de formular frases e expressar oralmente seus pensamentos e opiniões.

Segundo Bondioli e Mantovani, (1998) durante o segundo ano, as crianças adquirem o uso da linguagem. Esta, não passa de uma das manifestações de uma nova capacidade de base, a representação, que intervém para modificar comportamentos diversos (exploração, comunicação, jogo) e a própria expressão da sociabilidade.

Durante sua permanência na UMEI as crianças lancham, tomam banho, almoçam e jantam, além de participar das atividades pedagógicas, jogos, brincadeiras e socialização com crianças de outras faixas etária e demais educadores e profissionais que atuam dentro da unidade.

A família da criança que disputa uma vaga para a turma de dois anos da UMEI Mariquinhas e alcança o seu objetivo, a inserção da criança no grupo discente exulta de felicidades com notícia, pois é um sonho que se realiza, já que a procura por vagas para esta faixa etária é grande e o número de vagas disponíveis é pouco para a demanda da comunidade.

As crianças já possuem autonomia para se alimentarem sozinhos, calçar sapatos e retirar as roupas com o mínimo de ajuda. São crianças ativas, e, apesar do pouco tempo de concentração em uma mesma atividade, são interessadas em aprender e a participar de todas as atividades propostas. Segundo GUIMARÃES(2009), as crianças entre os quatro e os vinte e quatro meses, em geral, são muito dinâmicas e a concentração nas atividades e nas explorações dura pouco tempo, com algumas variações dependendo do interesse da criança pela atividade proposta.

A capacidade de percepção e aceitação dos limites de segurança para a exploração do ambiente, ou seja, a noção do risco e o respeito às situações em que este se apresenta, também são aspectos que se desenvolvem muito lentamente, em contraste com a rapidez da evolução da agilidade motora para andar, correr, subir, descer, pular. (GUIMARÃES, 2009, p.45)

Considero também, como característica desta turma, a coragem de arriscar e a vontade de vencer os obstáculos que se apresentam no dia a dia, seja esta limitação física, cognitiva ou emocional. E como consequência se expõe muito, sem ter noção de perigo ou limites em suas explorações e tentativas de subir em locais altos e escorregadios, pular de brinquedos em movimento, correr sem olhar pra onde vai, dentre outras coisas, que despertam no educador um instinto de proteção e cuidado cada vez maior.

### **3- OS DILEMAS ENCONTRADOS NAS TURMAS DE DOIS ANOS, DO PERÍODO INTEGRAL DA UMEI MARIQUINHAS**

A história das turmas de dois anos integral da UMEI Mariquinhas vêm se repetindo ao longo dos últimos cinco anos. É sempre a mesma coisa, no momento de seleção de turmas, ninguém quer assumir as turmas de dois anos integrais.

Atualmente, existe dentro da UMEI Mariquinhas, grande resistência por parte dos educadores em trabalhar com a faixa etária de dois anos, gerando momentos de tensão e conflitos no grupo docente, durante o processo de seleção de turmas. Esta recusa em atuar, juntos a turma de dois anos em período integral, vem sempre acompanhada de falas negativas, pois esta faixa etária é vista como um período de desenvolvimento da criança no qual ela busca sua autonomia e exige maior cuidado, atenção e até mesmo esforço físico de quem trabalha com estas crianças.

A resistência em assumir as turmas é agravada quando acompanhada das constantes reclamações por parte da família que não compreende que, em seu processo evolutivo, a criança cria novos desafios os quais quer superar, tornando-se passível de quedas e arranhões, mesmo com toda atenção dispensada pelos educadores.

A resistência em trabalhar com as crianças de dois anos também deriva do processo complexo, por assim dizer, de desenvolvimento cognitivo, psicomotor e social em que estas crianças estão. É nesta fase que as crianças são apoiadas ao controle de esfíncteres, autonomia nas ações cotidianas como calçar os sapatos, vestirem suas roupas, comer e beber e, principalmente porque está no início do processo de desenvolvimento da linguagem, o que dificulta o diálogo verbal.

É nesta fase que a criança começa a expressar mais claramente seus desejos e emoções, reforçando o caráter da autonomia em desenvolvimento. Em contrapartida é também nesta fase a demanda de cuidados é mais presente na prática pedagógica e isto assusta os educadores, que não sabem como agir e até mesmo se relacionar com estas crianças.

Para CORSINO (2010), a linguagem é espaço das inter-relações sociais, lugar de constituição da consciência, desenvolvimento e formação do sujeito, e a

forma como a linguagem, nas suas diferentes manifestações, é abordada deixa transparecer as concepções de infância, de sujeito, e de desenvolvimento.

Se o educador não consegue compreender a criança, ele não consegue alcançá-lo e estabelecer a relação educador/criança.

(...) pode-se também perceber uma incapacidade em considerar esse momento de desenvolvimento na sua especificidade, que seguramente coloca grandes problemas para o educador, mas que espelha também a riqueza das aquisições evolutiva que as crianças realizam nesse ano: uma fundamental reestruturação dos processos cognitivos, o caminhar autônomo e o uso da linguagem. (BONDIOLI e MANTOVANI, 1998, p.209.)

A forma como a escola e o educador, olha, escuta, relaciona-se com as crianças, produz nos pais e familiares, confiança e um novo olhar sobre a atuação do educador. Faz-se necessário que o educador se empenhe em promover a parceria com os familiares dos seus alunos, apoiando-se em favor do desenvolvimento da criança, partilhando as funções educativas, buscando a socialização dos valores e das capacidades cognitivas, motoras, social, físicas e psíquicas.

Outro agravante considerado pelos educadores, é a dificuldade de montar um planejamento adequado às crianças das turmas de dois anos de idade de forma a maximizar suas capacidades. Esta dificuldade é reforçada pela inviabilidade de uma avaliação precisa, visto que as crianças já são capazes de elaborar pensamentos, mas ainda não desenvolveram completamente as habilidades linguísticas.

Segundo TERZI e SAISI,(2006), Vygotsky lembra-nos de como o pensamento e a linguagem operam juntos para a formação de ideias e para o planejamento da ação e, depois, para a execução, controle, descrição e discussão desta ação. As autoras lembram ainda das vantagens da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky ao afirmarem que o nível de capacidade expresso pelas crianças e suas condições potenciais é alcançável por meio da mediação de adultos mais experientes.

Ao trabalharmos com a criança de dois anos, faz-se necessário estarmos atentos as suas ambições e necessidades, respeitando suas experiências e iniciativas, assim como viabilizar novas vivências e experiências múltiplas, levando em conta o pleno desenvolvimento físico, psicológico e social da criança através de estímulos e orientações, mas lembrando-nos que cada um tem um ritmo próprio de desenvolvimento.

De acordo GOLDSCHIMIED e JACKSON, (1998), o segundo ano de vida é um período de crescimento e desenvolvimento extraordinariamente rápidos, porém a menos que pensemos com cuidado como dar conta de suas necessidades particulares, a experiência para as crianças, em especial no âmbito do cuidado em grupo, pode facilmente tornar-se negativa e limitadora.

### **3.1- Adaptação e rotina: a afetividade e a confiança na relação educador/criança de dois anos, período integral**

A adaptação é uma das preocupações que afligem ao assumir a turma de dois anos, pois não há como prever as reações das crianças, que podem variar de uma grande apatia à excessiva agressividade, passando por longos períodos de choro ou silêncio ou, até mesmo a rejeição à educadora.

Segundo RAPOPORT (2005), o processo de adaptação tem seu tempo determinado por inúmeros fatores, podendo variar amplamente de caso a caso, e às vezes, mesmo após a adaptação, fatores externos ou do próprio desenvolvimento do bebê podem reverter o processo, sem necessário uma readaptação da criança.

Essa aflição aumenta, mediante ao papel da família neste período de adaptação, pois sem a compreensão, a confiança e o apoio dos familiares fica cada vez mais difícil a concretização da adaptação das crianças.

Para RAPOPORT (2005), a forma como a família vê a entrada do filho na creche é um fator importante, e que, é comum se sentirem inseguros e desconfiados, ainda mais, quando se trata do primeiro filho. Ela afirma ainda que as mães podem ter sentimentos ambivalentes, conscientes ou inconscientes sobre deixar seu bebê aos cuidados de outras pessoas, como culpa, ciúmes, medo de que aconteça algo à criança ou de deixar de ser amada por ela.

Nos primeiros dias de aula a criança chora muito ao ser deixada, pela família na escola, e, quando os familiares demonstram a insegurança em deixar a criança, aumenta a insegurança dela que fica mais agitada ainda, e se o educador não estiver preparado, perde o controle da situação e deixa a criança no extremo da insegurança.

Com base em RAPOPORT (2005), Rossetti-Ferreira afirma que a forma como

o processo de adaptação é vivenciado pelas pessoas envolvidas influência e é influenciada, pelas relações da criança.

Em se tratando de crianças pequenas, o choro no momento da entrada e saída, é comum por se tratar de uma das formas mais fáceis de demonstrar suas emoções, medos e receios. Ele não deve ser visto com indicador de desagrado, menos ainda como único indicador de que a adaptação da criança não foi concretizada.

(...) Mas o choro não é a única reação de perturbação possível da criança. Existem inúmeras manifestações, como gritos, reações de mau humor, bater nas pessoas, deitar-se no chão, reações de passividade, de apatia, de resistência à alimentação ou ao sono, e comportamentos regressivos. (RAPOPORT, 2005, p.14)

Observamos que o período de adaptação das crianças de dois anos foi menor e menos doloroso para algumas crianças do que para outras. Isto ocorreu devido ao fato de doze, das dezesseis crianças do grupo, já frequentarem a UMEI Mariquinhas desde a turma de um ano, por isso estavam acostumadas com rotinas e com o grupo em si. As outras quatro crianças apresentaram comportamentos diversos.

- A Manuely não chorou em momento algum, brincou e socializou com grande facilidade com as outras meninas do grupo. Segundo a mãe, ela sempre quis ir para escola, por isso aceitou com tanta facilidade a nova rotina e se adaptou bem ao grupo.
- O Lucas Davi chorou muito na hora entrada e na volta do parquinho nos primeiros quinze dias, mas o restante do dia brincava, apesar de não socializar muito bem com os demais alunos. Depois de alguns dias descobrimos que o choro era devido ao fato da irmã frequentar a turma de cinco anos da UMEI, e constantemente passar na porta da sala para ver como ele estava.
- O Guilherme G. apresentava pequenos momentos de insegurança, acompanhada de choros curtos, que cessaram com o passar dos dias. Assim como o Lucas Davi, ele tem um irmão que frequenta a turma de quatro anos que chorava todas as vezes que via o Guilherme, chamando-o para ir embora. Na realidade a dificuldade de adaptação não estava

no Guilherme, mas no irmão, que lhe transmitia toda a sua insegurança.

- A criança que apresentou maior dificuldade de adaptação com o grupo e com as educadoras foi o Davi. Ele chorou muito durante os três primeiros meses na hora da entrada, e às vezes no decorrer do dia, se recusou a dormir e a se entrosar com as outras crianças nos primeiros dois meses e só permitia contato físico com as educadoras referências da turma.

Segundo RAPOPORT (2005), o processo de adaptação não se resume aos primeiros dias, mas pode durar meses. Este foi o caso do Davi, que demorou bem mais do que as outras crianças a se adaptar, mas que atualmente é a criança mais observadora dentro de sala, no que diz respeito aos colegas de turma. Ele é capaz de perceber sem que seja comentado quais são as crianças que passam por um período maior de ausência, e demonstra alegria e satisfação com o retorno das mesmas.

A capacidade de observação, percepção e de grande afetividade dele ficou em evidencia quando ao retornarmos de férias, um dos alunos, Carlos, permaneceu ausente por motivos de saúde. Nenhuma das crianças comentou o fato, nem as educadoras abordou a questão com os alunos, mas no dia que o Carlos retornou, o Davi foi o primeiro a se manifestar.

Ele deu um grito de alegria e correu para abraçá-lo, ainda do lado de fora da sala e puxou a minha roupa dizendo, de maneira clara:

\_ *Tia Lú, olha o Cotoco!* (Cotoco é apelido do Carlos dentro de sala) - *Ele veio.*

Em seguida correu pela sala, contando a cada uma das crianças presentes que o Carlos havia chegado, depois pediu para própria mãe ir embora.

\_ *Boua, mãe, boua! Tchau viu, mãe.*



**Figura 6 – Davi e Carlos: momentos de carinho**

Em se tratando das crianças que já frequentavam a UMEI, o Deivid, é a única criança que apresenta comportamento arredoio no momento da entrada, chorando, fazendo birra, agarrando-se a mãe e em casos extremos agredindo colegas e educadores. Acredito que este comportamento dele, deve-se a dificuldade da mãe em deixar a criança, dizendo que tem pena e que se sente culpada por deixa-lo e o fato da mãe permanecer dentro da escola depois que ele entra. Fica escondida observando como ele vai se comportar. Este comportamento transmite a insegurança da mãe para a criança, pois quando ele tem a certeza que a mãe já foi embora ele brinca com as outras crianças e participa de todas as atividades propostas.



**Figura 7- O Deivid brincando e socializando com as outras crianças**

Algumas mães depois de despedirem de seus filhos ficam espiando pela janela ou pela porta. Esse comportamento pode ser ruim para a adaptação, pois se é percebido pela criança pode transmitir a insegurança da mãe e fazê-los pensar: se minha mãe não confia nesse lugar, eu também não vou confiar. (RAPOPORT, 2005, p. 18)

O Deivid não participa de excursões junto com o grupo de crianças da turma de dois anos, porque a mãe tem medo de que ele possa se machucar e ninguém vê ou que ele possa se perder. Segundo a mãe ela prefere levar a criança neste passeio em outro momento, só os dois.

Outro momento de insegurança demonstrado por esta mãe, ocorreu duas semanas após retorno das férias, quando o Deivid fez birra para entrar e ela perguntou:

- \_ Deivid, você não quer entrar por que a tia Lú te bateu?*
- \_ Não ! (resposta do Deivid)*
- \_ Foi um colega? (mãe)*
- \_ Não. (Deivid)*
- \_ Não? Porque você não quer entrar? (mãe)*
- \_ Porque eu quero ir embora. (Deivid)*
- \_ Vou levá-lo de volta para casa, por que não vou trabalhar e como ele está chorando, e eu estou com dó. Vou ficar com ele em casa.*

Segundo RAPOPORT (2005), o sofrimento da criança decorrente da

separação da mãe, bem como dificuldades das próprias mães de se separarem deles, revelam sentimentos de pena e culpa por deixá-lo na creche.

Neste momento foi preciso que eu interviesse de forma mais firme com a mãe, pois ela estava influenciando negativamente a criança. Falei que ele chora somente durante o tempo em que a vê escondida no cantinho da parede, e que, quando ela vai embora ele para e vai brincar com as demais crianças normalmente, como se nada houvesse acontecido. Argumentei ainda que se ela voltasse com Deivid nesse momento ele iria fazer isso sempre, na esperança de voltar para casa e que ela não pode fazer isso todas as vezes, pois ela trabalha fora e quando não puder ficar com ele, vai ser pior. O resultado foi positivo, pois o Deivid parou com as birras e entra em sala de aula com alegria e sem que seja preciso fazer qualquer tipo de intervenção.

Partindo do princípio de que a escola é vista como um espaço de realizações e socialização, onde é permitido expressar hábitos, preferências e manifestar emoções e sentimentos, faz-se necessário aos educadores que atuam com as turmas de dois anos estarem atentos aos vínculos que a criança desenvolve com o outro, com o grupo de crianças, com os educadores ou demais pessoas e objetos que a cercam.

Acredito que o hábito de demonstrações de carinhos com todas as crianças durante a estadia delas dentro da UMEI, sentar-se no chão junto com elas, cantar olhando nos olhos dos alunos, fazendo gestos que as crianças conseguem repetir, contar histórias que lhes transmitam segurança, o cuidar e proteger, sem tirar-lhes a autonomia das decisões, auxilia na formação de um vínculo de afetividade e confiança necessários na relação educador/aluno, tornando mais fácil e menos dolorosa a adaptação da criança.

De acordo com RAPOPORT (2005), trabalhar com crianças pequenas é difícil e complexo, sendo necessário mais do que gostar de crianças. É preciso cuidar delas, atendendo suas necessidades básicas, desenvolver propostas pedagógicas, além de ter paciência para as situações corriqueiras que ocorrem, como o choro, a birra, estabelecendo limites e demonstrando atenção e carinho. E tais exigências em relação as educadoras são ainda maiores durante o período de adaptação.

Para GUIMARÃES (2009), o desafio do educador está em promover um atendimento individualizado voltado para as necessidades específicas de cada

criança e, ao mesmo tempo, promover a interação entre as crianças, já que são fatores fundamentais para o desenvolvimento infantil.

A necessidade de constante atenção em relação às crianças e suas ambições e necessidades de vencer desafios e superar limites, transforma o educador em um mediador entre a criança e o mundo que a cerca durante seu processo de construção da identidade. Este é um dos desafios em se trabalhar com esta faixa etária, pois cada indivíduo possui características próprias e que se não forem respeitadas em sua individualidade podem causar danos emocionais e psicológicos na criança.

As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade. São rotineiras atividades como cozinhar, dormir, estudar, trabalhar e cuidar da casa, regulada por costumes e desenvolvida em um espaço-tempo social definido e próximo, como a casa, a comunidade ou local de trabalho. É preciso aprender certas ações que, com o decorrer do tempo, tornam-se automatizadas, pois é necessário ter modos de organizar a vida. Do contrário seria muito difícil viver, se todos os dias fossem necessários refletir sobre todos os aspectos dos atos cotidianos. (BARBOSA,2006, p. 37)

As crianças da turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas possuem uma rotina pré- estabelecida pelo Projeto Político Pedagógico, que é enriquecido de acordo com as especificidades da turma e do educador referência, visando o acolhimento e desenvolvimento das crianças.

Segundo BARBOSA (2006), a rotina pedagógica é um elemento estruturante da organização institucional e de normatização da subjetividade das crianças e dos adultos que frequentam os espaços coletivos de cuidados e educação.

As crianças chegam à UMEI entre as sete horas e sete horas e vinte minutos da manhã. Este é o primeiro passo de nossa rotina, e também o mais importante, pois se trata do acolhimento da criança.



**Figura 8 – A Ana C., Ana J., Carlos e o Jhemerson adoram ler.**



**Figura 9 - No dia do livro todos chegam e se encantam...**



**Figura 10- O Guilherme H., presta atenção história da Isabelly**



**Figura 11- O Guilherme G., o Lucas e Cecilia atentos nos livros.**

No brincar, a criança se interroga sobre o mundo no qual ela se situa, estranha, (estranhamento que é a condição primeira para compreensão e construção do conhecimento). Pela brincadeira, a criança desnaturaliza o mundo social, ao trabalhar sua estereotipia. A criança não reproduz em sua brincadeira o mundo tal como ela o vive, mas recria-o, explorando os limites de sua construção. Como linguagem, o brinquedo traz em si uma gramática própria que não constitui uma representação ou reprodução do real. A criança não pensa o mundo para expressá-lo na brincadeira, mas o significa através dela. Assim é que o brinquedo transcende o real, elabora as múltiplas possibilidades de sua construção. (GOUVEA, 2007, p. 120)



**Figura 12- A Isabelly lendo para os colegas.**

Este é um trecho das conversas que tivemos em uma das manhãs do mês de agosto.

O Guilherme G. estava em pé sem brincar e chamei por ele, perguntando se não iria brincar. Ele pegou uma panelinha com um garfo de plástico e fingiu que ia dar comida ao Guilherme H., que estava sentado ao meu lado.

*\_ Você vai dar o papá pro Guilherminho? – Pergunto ao Guilherme G. que afirma gesticulando com cabeça.*

*\_ Nham, nham, nham! – O Guilherme H. finge estar comendo. Eles trocam de papéis e o Guilherme H. finge dar comida ao Guilherme G.*

*\_ Agora vocês vão trocar? – Pergunto. – Um Guilherme dando comida para o outro.*

O Deivid entra na brincadeira e começa a dar comida ao Guilherme G. também.

*\_ Nossa! Agora são dois dando papá ao Gui! – Brinco com eles.*

*\_ O que o Deivid fez de papá hoje? - Pergunto.*

*\_ Arroz, feijão e carinha moída. - Ele responde.*

*\_ Bem gostoso? – Pergunto.*

*\_ É. - Ele responde e começa a cantar, imitando os gestos de uma cozinheira experiente.*

Neste momento inicia uma movimentação de corre- corre na sala de aula. O Jhonatan pegou o brinquedo do Jhemerson e a Ana J. começa a gritar para eles correm, sendo preciso fazer a intervenção.

*\_ Jhonatan, para de correr e devolve o brinquedo dele. E você Ana J. para de mandar eles correrem, porque se não eles vão cair e machucar.*

A Ana C. chega atrasada e preciso incentiva-la a entrar.

A Cecília chega perto de mim, mostrando o seu neném e o da Manuely.

\_ *O meu neném chama Letícia e o dela é Carol.* – Diz a Cecília

\_ *Ah! O seu é Carol e o da Manu Letícia.* - Brinco com elas.

\_ *Não! O meu é Letícia e o da Manu é que é Carol.* – Responde a Cecília muito séria.

\_ *Ah! Entendi. O seu é Letícia e o da Manu Carol.*

Neste momento o Guilherme G. tenta tomar o caminhão que o Kauan está usando. Quando falo que não pode fazer isso ele me mostra o desenho de um caminhão em sua blusa. Percebi que ele só queria pegar para mostrar, e pedi ao Kauan que colocasse o caminhão próximo a blusa dele, que em seguida, voltou a brincar com as painéis.

“Brincar constitui uma das ações através das quais simbolizamos o enigma do ser humano, inserido num universo cultural.” ( GOUVEA, 2007, p. 119)

Peço para as crianças guardarem os brinquedos, pois está na hora de lanchar e ir brincar no parque. Sou atendida prontamente, menos pelo Deivid que continua cantando e brincando com as painéis, sendo necessário dar ordem para guardar.



**Figura 13- Os brinquedos distraem as crianças na chegada**



**Figura 14- O Guilherme G. brinca e não percebe o irmão que passou chorando.**

É também nestes vinte minutos iniciais que iniciamos a retirada dos bicos, solicitando que a própria criança guarde seus itens pessoais (bico, lanche ou brinquedo que trouxe de casa, toca, boné, luvas, etc.) dentro de sua bolsa, dando-lhes segurança e autonomia.

As crianças tomam café da manhã às sete horas e trinta minutos, pois utilizamos de dez a quinze minutos para retirarmos as fraldas e todos irem ao

banheiro. Neste momento estamos dando início ao controle de esfínteres e reforçando a autonomia e autoestima das crianças.



**Figura 15- As crianças de 1 e 2 anos na hora do café da manhã.**



**Figura16 – O leite é o alimento indispensável para estas crianças.**

As crianças vão brincar no parquinho de sete e quarenta e cinco às oito horas e quinze minutos.



**Figura 17 - O Jhonatan, Davi, Lucas D. e Deivid brincam no balanço.**



**Figura 18 - Isabelly brinca sozinha no cubo.**



**Figura 19- A Ana C. brinca de escalar o escorregador grande.**



**Figura 20- Jhonatan, Jhemerson, Ana J e Deivid no roda-roda.**

Para GOLDSCHMIED e JACKSON (2006), as crianças de 0 a 3 anos, gostam e precisam de cuidado, segurança, socialização, afeto e respeito, brincar, descobrir e explorar o ambiente, serem questionadas, repetir atividades e situações, ouvir e contar histórias, explorar a textura, os sons, os movimentos ao brincar com água, terra, pedrinhas, gravetos entre outros.

O retorno à sala de aula é precedido de nova ida o banheiro, reforçando o controle de esfínteres, a higiene e autonomia das crianças.

As atividades são variadas entre as oito horas e trinta minutos e as dez horas em decorrência do sistema adotado para a realização do banho das crianças. O sistema adotado pela direção é a cada mês o banho ocorrerá em um turno diferente. O mês que o banho ocorre pela manhã, intercalamos as escovações de dentes com brincadeiras e canções de roda em sala de aula antes da preparação para o banho. Momento aproveitado para estimular o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, com conversas individuais, questionamentos e cantigas.

Quando o banho ocorre no período da tarde, escovamos os dentes todos os dias, fazemos brincadeiras e canções de roda no espaço externo, fazemos contações de história, tanto pela educadora quanto pelos alunos, montamos produções de textos coletivos, brincamos de fantasias e teatro, além de brincadeiras diversas com materiais diversos.



**Figura 21- A princesa Isabelly e o Galinho Davi**

O próximo passo da rotina dessas crianças é o almoço e na sequência as crianças iniciam o momento do sono, que tem duração até o início do turno da tarde, às treze horas.

As rotinas para a faixa etária de 0 a 3 anos, grupos comumente denominados berçário e maternal têm como eixo central as atividades vinculadas aos cuidados corporais, sendo constituídas, principalmente, de momentos ligados a higiene, à alimentação e ao sono (...). (BARBOSA, 2006, p.150)



**Figura 22 – Ana J. e Cecília, momento do sono.**



**Figura 23 - Kauan, Isabelly, Guilherme H. e Lucas D. Eh, soninho bom!!!**

A observação atenta e constante nos permite perceber como está sendo processado o desenvolvimento e a construção do conhecimento, viabilizando ao educador, dentro dos recursos disponíveis, o registro destas observações da maneira mais fiel possível.

Segundo TERZI e SAISI, (2006), o registro, pelo professor, da manifestação de aprendizagem das crianças, bem como as reflexões e diálogos possibilitados por esse recurso, permitem movimentos metacognitivos quando são revisados e

debatidos.

Em se tratando de crianças de dois anos a maneira utilizada para a realização destes registros são os portfólios e o diário de bordo, mas infelizmente é mais utilizado para registros de ocorrências negativas do que ocorreu dentro de sala de aula, do que para o desenvolvimento dos alunos em si.

### **3.2- Quando surgem as primeiras barreiras**

As crianças de dois anos já possuem capacidades e habilidades que, quando estimuladas e bem trabalhadas, lhes permitem maior aproveitamento e desenvolvimento da autonomia, mas por se tratar de uma turma de tempo integral e com crianças pequenas, não se torna viável desenvolver dois projetos completamente distintos, fazendo necessário que se crie um projeto único com atividades diversificadas, mas com os mesmos objetivos. Este projeto deve também levar em conta as necessidades da criança e potencialidades do desenvolvimento infantil.

Visando o melhor desenvolvimento da autonomia destas crianças, foi que se fez mais forte a necessidade de desenvolver um projeto com objetivos específicos, voltados para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e a autonomia das crianças.

Denominado Eu e o mundo: Olha-me aqui!, o projeto criado na primeira semana de fevereiro, foi apresentado e entregue as educadoras, que fazem parte do grupo atuante na turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas, apresentou dentre os objetivos específicos a necessidade da retirada da fralda, da chupeta e de um banho mais participativo, o hábito de escovar os dentes, melhorar a alimentação dos alunos, criar hábitos de higiene com o corpo e com os alimentos.

Este projeto foi extremamente criticado pelas demais educadoras que atuam junto à turma, pois, segundo elas, demandaria muitos cuidados, maior atenção e participação das educadoras, e que elas não contam com uma auxiliar para ajudar. Esta resistência atrasou o início do projeto até a segunda quinzena de março.

Os principais pontos críticos deste projeto foram:

- A concretização da transição de controle de esfíncteres, ou seja, a retirada das fraldas destas crianças e início da utilização dos sanitários infantis a partir da segunda quinzena do mês de fevereiro, através de estímulos e incentivos ao uso do banheiro.
- A redução do hábito de fazer uso da chupeta dentro da UMEI, ou seja, não fazer o uso dela durante o horário que as crianças permanecem dentro da escola, fazendo uso de incentivos com palavras de encorajamento, sem provocar sentimentos de perda ou incentivar o uso, mesmo que só durante o sono.
- O estímulo ao banho participativo, que se trata da participação ativa da criança no banho, ou seja, a própria criança inicia o banho sob a orientação das educadoras de como deve proceder na higienização de cada parte de seu corpo, proporcionando um momento divertido e prazeroso durante a atividade, enquanto reforçamos a autonomia da criança.

Para algumas educadoras, no primeiro semestre, as crianças de dois anos ainda não possuem maturidade para que iniciássemos estas três atividades, pois a retirada das fraldas teria como consequência, mais roupas sujas a ser trocadas e roupas de cama enviadas à lavanderia aumentando o trabalho de todos os funcionários da UMEI, e que o banho com a participação das crianças seria muito demorado, sem levar em conta as necessidades de experimentarem e se sentirem capazes de cuidar de si mesmas indispensáveis para reforça a autonomia e autoestima das crianças.

Segundo GUIMARÃES (2009), o educador deve estar sempre atento às situações que surgem de forma imprevista, tanto àquelas apontadas pelas crianças, a partir dos desejos, dos seus interesses, das suas curiosidades e das suas necessidades, como aquelas colocadas pelo contexto, de forma a potencializar e possibilitar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, afirmando que a escuta das crianças é fundamental.

Em uma tentativa de viabilizar o projeto, anotei todos os dias os avanços da turma em relação às atividades realizadas no turno da manhã, durante a minha permanência junto a turma, a aceitação das crianças em utilizar o vaso sanitário, de ficar sem a chupeta pela manhã e durante o sono e que as crianças estavam ao menos provando de todos os alimentos oferecidos pela UMEI.

Como respostas eu obtinha sempre reclamações que, no período em que eu não estava com a turma, eles não aceitavam o vaso sanitário, molhavam as roupas e choravam muito pedindo a chupeta.

Expliquei para as educadoras de apoio da manhã e referência da tarde, como era meu procedimento junto às crianças, para que aceitassem a nova rotina, sem traumas e sofrimento.

*Quando chegam, quase todas as crianças estão de fraldas. Eu aguardo até as 07h15min da manhã, horário que já fechou o portão de entrada para retirar a fralda de um por um perguntando:*

*\_ Você quer tirar a fralda para usar o banheiro igual à Isabelly? (A única criança que não usava fraldas na sala de aula).*

*As respostas em sua maioria eram afirmativas, possibilitando a retirada imediata da fralda e permitindo o estímulo ao uso do vaso sanitário. Nem sempre as crianças faziam alguma coisa, às vezes só sentavam e ficavam me olhando, sorrindo, e quinze minutos depois faziam xixi na roupa. Fato natural já que estavam em início de um processo que pode ser longo e demorado.*

*Quando as respostas eram negativas, eu levava as crianças ao banheiro e deixava que observassem as outras crianças, e repetia a pergunta. Bastava elas verem os colegas lavando as mãos na pia, depois de utilizar o banheiro, para elas concordarem com a retirada da fralda.*

(...) a criança seleciona, no ato imitativo, aquilo que ela busca compreender no mundo adulto. Ela não imita qualquer ato, de maneira mecânica, mas seleciona, no universo adulto, aquilo de que ela quer se apropriar. (GOUVEA, 2007, p.123)

Relatei também como foi que conversei com as crianças para que não fizessem uso da chupeta em sala de aula.

*Falei com as crianças que, cada uma tem que guardar o seu bico na mochila quando chega à escola, porque o colega que não tinha ia querer chupar também e não tinha outro pra dar e, que, como cada um tem que guardar suas coisas na mochila pra não sumir, o bico também teria que ser guardado, para que pudessem brincar. Eu não colocava minhas mãos no bico. A própria criança é quem retirava o bico da boca e guardava na sua bolsa, dando-lhe a sensação de autonomia e segurança quanto a onde estão os seus pertences.*

As educadoras mantiveram certa resistência em aceitar as atividades propostas.

Busquei apoio na coordenação e no Projeto Político Pedagógico da UMEI que afirma que a criança deve começar a receber estes incentivos na turma de um ano e concretizar suas capacidades na turma de dois anos. A coordenadora do turno da manhã tentou fazer a intervenção junto à coordenadora do turno da tarde e com a direção, mas não tivemos apoio imediato, sendo necessário recorrer ao Projeto Político Pedagógico, para obter o apoio da direção. Após quase quarenta e cinco dias de discursões, consegui maior liberdade para o desenvolvimento das atividades propostas.

O apoio da direção e da coordenação possibilitou maior argumentação para intervir pelas crianças junto ao grupo de educadores que atuam com estas crianças. Foram necessárias muitas discussões com estas educadoras e, principalmente, muito perseverança de minha parte, e isto gerou um desgaste na nossa relação. Passei a ser vista como uma pessoa que não sabe trabalhar em grupo e qualquer eventualidade que acontecia, como uma criança molhar ou sujar as roupas, era e ainda são motivos de constantes críticas ao trabalho desenvolvido com a turma.

Acreditando na capacidade de aprendizagem e desenvolvimento das crianças de dois anos, mantive firme em meu propósito, desconsiderando as críticas e registrando os avanços da turma.

#### 4- OLHA O QUE ELES ESTÃO APRENDENDO....

A faixa etária de até dois anos de idade é única, por estar passando por transformações em termos de independência e separação, a criança costuma ser insegura e demonstra atitudes de resistência, e, apoio e estímulo é fundamental para que esta fase seja tranquila. É também neste período que as crianças consomem mais açúcar, uma vez que são introduzidos novos alimentos colocam todos os objetos encontrados na boca, brincam de rolar no chão e outras brincadeiras que envolvem o contato com outras superfícies, sendo necessário um trabalho de conscientização da higiene corporal e bucal, assim como dos hábitos alimentares, evitando o surgimento de cáries, problemas de obesidade infantil e reduzir os efeitos do contato com as bactérias que chegam a nosso corpo.

O projeto eu e o mundo: Olha-me aqui! foi desenvolvido com as crianças da turma de dois anos integral, que estão na fase da primeira dentição (dentes de leite) e início do controle de esfíncteres.

Este projeto visava contribuir para que estas crianças pudessem por meio das múltiplas linguagens se apropriarem do conhecimento do mundo e perceberem o outro e a si mesma como sujeito de direitos que esta se constituindo no mundo e com a ajuda do adulto aprender a importância de se ter uma boa saúde.

As atividades desenvolvidas tiveram grande significado, principalmente o mural confeccionado pelas próprias crianças, com materiais trazidos por elas. Ele ficou em exposição em sala de aula por quatro meses e meio sem ser danificado, com total acesso e compreensão de seu significado pelas crianças que o protegiam.

Houve ainda a confecção da salada de frutas, feita dentro de sala de aula com material trazido pelas crianças, que provaram de todas as frutas separadamente e auxiliaram no preparo da salada. Ela foi comentada durante dias pelas crianças na UMEI e em casa também, de acordo com o relato dos pais, que solicitaram uma reprise da experiência.

As escovações dentárias também eram esperadas e quando demoravam a iniciar eles cobravam:

- \_ *Tia, e o dente? - Pergunta do Deivid.*
- \_ *Eu vou escovar hoje, né tia? - Questiona diz a Cecília.*
- \_ *Com pasta de dente, né tia Lú? – Diz o Jhonatan*



**Figura 24 - Jhemerson e Jhonatan escovando os dentes**



**Figura 25- Lucas Otavio escovando os dentes com todo cuidado para não sujar a blusa.**



**Figura 26- Lucas Davi escovando os dentes.**



**Figura 27 – A Cecília é detalhista durante a escovação.**



**Figura 28- A Manuely escova com muita força.**



**Figura 29- O caçulinha da turma, Carlos, também já sabe escovar os dentes.**

As brincadeiras, canções e as rodinhas informativas também foram de grande importância no desenvolvimento do projeto, pois através delas as crianças

expressavam o quanto foram significativas as experiências vivenciadas. A capacidade de reproduzir o banho durante as brincadeiras livres, repetindo as canções e falas das educadoras no processo realizado com a criança durante o banho, mostra o quanto são prazerosas e lúdicas estas atividades.

A imitação é outra característica da ação infantil. Ela é fundamental para introjeção da realidade que a circula. A imitação significa uma ação simbólica da criança, através da qual ela tenta, na repetição reconstrutora do ato adulto apreender seu significado. (GOUVEA, 2007, p. 122)

De acordo com GOUVEA, (2007), é por meio da linguagem que as experiências são subjetivadas, significadas e compartilhadas, e, só se é possível traduzir e comunicar fazendo o uso de signos linguísticos convencionais, arbitrários, em que pelos quais ao fazerem uso destes signos, a criança, na interação cotidiana, constrói introjeta e aprende categorias de organização do mundo.

No decorrer do tempo, quando a retirada da fralda, o uso do banheiro e a participação no banho, tornaram-se parte de nossa rotina diária, foi possível algumas falas das crianças, durante a realização das mesmas.

Estas são as reproduções de trechos das conversas que tive com o Guilherme H., uma das primeiras crianças a se adaptar com o uso do vaso sanitário, mas que a avó ainda utiliza a fralda nele para dormir à noite.

**Primeiro dia:**

- \_ *Guigui, você está de fralda? - Perguntei.*
- \_ *Tô!*
- \_ *Por que? - Ele balança os ombros dando a entender que não sabe. Eu pergunto: \_ Você vai tirar a fralda?*
- \_ *Vô.*
- \_ *Então, vamos tirar.*
- \_ *Vão!*
- \_ *Você me ajuda a tirar? - Pedi, pois ele estava muito sonolento ainda.*
- \_ *Vô!*
- \_ *Você já sabe usar o banheirinho? – Perguntei, e ele balançou a cabeça dizendo que sim. \_ Você já sabe, né ?*
- \_ *Por que a vovó pôs a sua fralda? - Perguntei, e ele tornou a balançar os ombros de que não sabe o por quê.*
- \_ *Você quer fazer xixi no vaso? - Perguntei e ele responde que sim, balançando a cabeça. \_ Então calça o chinelo e vai ao banheiro fazer o xixi no vaso.*

Enquanto o Guilherme vai ao banheiro a Ana Julia faz gestos de quem está segurando para ir ao banheiro e eu pergunto se ela também quer ir. Ela diz que não.

Quando o Guilherme H. volta eu pergunto:

- \_ *Você fez xixi?*
- \_ *Não! – Ele responde olhando para baixo.*
- \_ *Você fez ou não fez xixi no vaso?*
- \_ *Fiz. - Ele responde olhando para mim. Então compreendi que a primeira resposta era que não tinha feito xixi na roupa.*
- \_ *Você lavou as mãos? - Perguntei*
- \_ *Lavou!*

Em outro momento os alunos começam a pedir para irem ao banheiro, menos o Lucas D. que continua a brincar no meio da sala. Pergunto a ele se não quer ir também e ele diz que não.

No banheiro o Jhemerson começou a bater as portas, e foi preciso fazer intervenção.

- \_ *Ei, é para você fazer xixi. Não é pra bater a porta, não. - Advirto-o*
- \_ *Todos já fizeram xixi? - Pergunto.*
- \_ *Nós vamos tomar banzinho. - Diz Kauan*
- \_ *Não. Não é banzinho agora. É xixi. – Corrige o Davi.*
- \_ *Isso mesmo, Davi.*

As outras crianças retornam e organizam a sala para irmos tomar café da manhã e brincar no parquinho. O Lucas D. continua brincando. Quando todos estão se preparando para saírem da sala ele levanta. Sua roupa agora esta toda suja. Eu começo a conversar de maneira mais firme com ele.

- \_ *Lucas, você fez cocô na roupa? - Ele não responde e eu insisto.*
- \_ *Por que você cocô na roupa Lucas? Eu não perguntei se você queria ir ao banheiro?*

Reorganizei a turma para que assistissem a um vídeo enquanto eu estava limpando o Lucas e avisei que iríamos atrasar para o café da manhã.

Neste momento o Carlos volta do banheiro dizendo que uma das portas está fechada. Observo que ele esta com as mangas da blusa molhada e que sua demora foi porque ele estava brincando na pia do banheiro.

- \_ *Tá fichado. – Ele diz sorrindo.*
- \_ *O banheiro está fechado. - Repeti corrigindo a palavra errada.*
- \_ *Você estava era fazendo arte no banheiro! \_ Chamo sua atenção.*
- \_ *Vai assistir Scoob Doo, enquanto levo o Lucas ao banheiro.*

No banheiro eu volto a questionar o Lucas o porquê dele não ter ido ao banheiro quando eu perguntei, mas ele não responde, me olhando como se não soube sobre o que eu estava falando.

Peço para ele tirar o sapato para que eu possa ajuda-lo a tirar a roupa. Quando acabamos de retirar o sapato e as calças ele sentou no vaso sanitário, e, eu pergunto:

*\_ Você quer fazer mais cocô, Lucas?. - Ele balança a cabeça afirmativamente. \_ Então você vai sentar aqui no vaso e vai esperar. Eu vou lá à sala guardar esta roupa suja sua e pegar uma limpa. Não pode sair daí. Está bom Lucas?*



**Figura 30 - Lucas D. concentrado nos brinquedos**

Quando voltei ao banheiro o Lucas havia terminado e me aguardava sentado calmamente. Fiz a higienização dele e voltamos para sala, pois o café da manhã estava muito atrasado e ainda tinha que conversar com o Carlos a respeito da bagunça que ele fez no banheiro.

Ao entrar na sala de aula, o Lucas fica parado em frente à televisão, atrapalhando as outras crianças, que irritou o Guilherme H., que chamou sua atenção dizendo:

*\_ Dá licença! Seu cagão.*

Deixei para conversar com o Carlos quando voltássemos do parquinho e todos fossem ao banheiro novamente, pois já tinha se passado um tempo considerável para que ele entendesse a conversa e precisaria de um novo episódio contextualizado para a abordagem.

*\_ Por que ai está molhado Carlos? - Perguntei, apontando para as mangas da blusa que tornaram a voltar do banheiro muito molhada.*

*\_ O que você estava fazendo que ficou todo molhado? - Insisti - Você foi brincar com água e não fez xixi, né?*

Durante nossa conversa a Cecília pede para ir ao banheiro:

*\_ Tia, quero fazer totô! – Diz ela, querendo fazer cocô.*

*\_ Vai ao banheiro, mas não é pra brincar com a água. Tem que limpar o bumbum e lavar as mãos antes de voltar.*

Alguns minutos depois vou ver como a Cecília está.

- \_ Já fez o cocô Cecília? - Pergunto, e ela afirma que sim.
- \_ Já limpou o bumbum? – Pergunto novamente.
- \_ Não! – Ela responde brava. - Não tem pape papel higiênico aqui.
- \_ É mesmo, Cecília. Não tem papel aqui. Espera que vou pegar no outro banheiro e te limpo.

Quando vou fazer a higienização da Cecilia, observei que ela estava de diarreia.

- \_ Cecília não se esqueça de lavar as mãos.
- \_ He...
- \_ Você usou o vaso tem que lavar as mãos.
- \_ Tá, lavei. Pega o papel pra mim. – Diz a Cecília pedindo o papel toalha.



**Figura 31 - A princesinha Cecília está controlando bem os esfínteres**

### **Segundo dia:**

- \_ Você está de fralda, hoje? – Eu pergunto.
- \_ Tô! – O Guilherme responde.
- \_ Você quer tirar?
- \_ Quero.
- \_ Quer ir a banheiro fazer xixi?
- \_ Não.
- \_ Não quer. Então vai brincar. Joga sua fralda no lixo.



**Figura 32 - Guilherme H. adora tirar a fralda**



**Figura 33 - Guilherme H. joga as próprias fraldas no lixo**

Pergunto as meninas se alguma quer ir ao banheiro e quase todas aceitam imediatamente, com exceção da Isabelly. Quando falo com os meninos, somente o Deivid não quer ir. Até mesmo o Lucas D., que no dia anterior fez tudo na roupa vai ao banheiro.

### **Terceiro dia:**

- \_ *Bom dia, Guilherme!*
- \_ *Bom dia!*
- \_ *Você está de fralda hoje?* - Pergunto.
- \_ *Não!* – Ele responde sorrindo.
- \_ *Por que você está sem fralda hoje, Gui?* – Pergunto.
- \_ *A vovó deixou.* Ele responde sorrindo e me abraçando.

Vou até a porta da sala e converso com a avó, agradecendo por ela ter tirado a fralda do Guilherme para vir a escola e ela diz que manda ele de fralda porque ele tem o hábito de fazer coco pela manhã. Afirmo que pode continuar mandando sem fralda, pois estou ensinando ele a ir ao banheiro. Ela agradece, mas no dia seguinte ele estava de fralda novamente.

Volto a conversar com a avó do Guilherme sobre a importância de retirar a fralda dele antes de ir para a escola e ela diz que não quer dar trabalho para as educadoras. Afirmo que é nosso papel como educadoras das crianças de dois anos estimular as crianças a utilizarem o banheiro e se necessário fazer a troca de roupas

e dar o banho. Após a conversa o Guilherme tem vindo mais vezes sem fraldas para escola, somente quando chega dormindo é que ele faz uso.

Dentre as várias atividades realizadas durante o projeto *Eu e o mundo: Olha-me aqui!*, as que mais apresentaram significado para as crianças de dois anos foram exatamente as que geraram maiores polêmica para a concretização das mesmas. Isto é, o banho, a retirada das fraldas e a redução do uso da chupeta.

O banheiro da UMEI Mariquinhas possui três divisórias sem portas, onde são realizados os banhos. Desta forma o banho participativo não é, nem de longe, demorado e complicado como foi descrito pelas demais educadoras, uma vez que mais de uma criança participa do processo ao mesmo tempo, sob a orientação da educadora.

A preparação para o banho acontece de forma lúdica, participativa e estimula a autonomia da criança.

Esta é reprodução das falas durante a preparação para um dos banhos.

Após retornarmos do parquinho, cantamos algumas músicas e brincamos de roda. Em seguida pedi que as crianças ficassem sentadas e aguardassem até serem chamadas para levantar e tirar as roupas.

\_ *Lucas, senta e me escuta. Agora nós vamos nos arrumar para tomar o banho. Eu vou chamar um por um, por isso não precisa ninguém tirar a roupa antes de eu mandar. Entendido?* – Chamo a atenção das crianças para o início do banho.

\_ *Isabelly, Cecília e Aninha, tirem a roupa para tomar banho.* - Aviso as meninas que iram iniciar o banho.

A Isabelly tira a jaqueta e começa rodar, quase acertando um colega.

\_ *Para com isso, ou você vai machucar um colega. Pega sua roupa suja e põe dentro da sua sacola. Isabelly!* – Chamo sua atenção.

O Carlos, que está sentado ao meu lado, diz que não quer tomar banho e eu fico brincando com ele.

\_ *Você não vai tomar banho Carlos? Vai virar o sujeira da sala?* - Questiono.

\_ *Vou.* – O Carlos afirma sorrindo.

\_ *Credo!* – Brinco com ele.

- *Tá tudo pelado!* – Grita o kauan, ao ver as meninas sem roupas e sem estarem enroladas nas toalhas. Quando olho para o Carlos, novamente, ele já está sem as roupas.

\_ *Carlos! Você não tinha falado que não iria tomar banho. E já tirou as roupas sem eu mandar. Cuidado para não misturar com as dos outros. Toma, põe a roupa suja na sacola.* - Continuo brincando com ele, enquanto direciono o que deve ser feito.

\_ *Ana C. tira a roupa sem jogar no colega.* - Preciso intervir, pois ela estava tirando a roupa e jogando no Jhemerson.

\_ *Isabelly, Cecília e Ana C, vem pegar a toalha para vocês se enrolarem.* – Falo com as meninas que já tiraram as roupas, guardaram e agora começaram a brincar.

\_ *Carlos, vem pegar sua toalha também.* – Volto a orientá-lo, pois é o único menino que tirou a roupa.

Percebi que o tatame estava molhado, e perguntei quem havia feito xixi na roupa. Chamei o Lucas D, o Kauan e a Ana J. para ver se estavam com as roupas molhadas, mas não era o caso. Fiquei atenta e descobri que a Ana J. estava cuspidando no tatame e esfregando.

\_ *Ana J. vem tirar a roupa para tomar banho.* – Chamo a Ana J. que finge não me ouvir e todos os colegas começam a gritar seu nome. Ela levanta e vem se preparar para o banho.

\_ *Kauan, Jhonatan e Lucas. Vem pegar a sacola para tirar a roupa pra tomar banho.* – Começo a chamar os meninos para se prepararem para o banho.

\_ *Kauan, tem que tirar a cueca também. Ou você vai tomar banho de cueca?* – Brinco com o Kauan que se esqueceu de tirar a cueca e me deu a sacola de roupas para guardar.

\_ *Jhonatan, você tem que tirar os sapatos primeiro. Depois você tira a roupa.* – Lembro-o quando ele não consegue tirar a calça porque ainda está calçado.

\_ *kauan, Jhonatan e Lucas, vêm pegar a toalha.* – Volto a chamá-los.

Continuo a chamar as crianças para tirar as roupas e percebo que a Ana J. continua a cuspir no tatame e chamo sua atenção e trago-a para o meu lado. Ela começa a bater a cabeça na parede sequenciadamente, movimento que sempre executa quando contrariada. Chamo sua atenção e aviso que ainda vai acabar se machucando fazendo isso. Pergunto onde ela deixou a sacola com suas roupas sujas e ela vai buscar.

Começo a chamar cada criança para guardar sua sacola com roupas sujas nas mochilas, para que possamos iniciar o banho. Observo que o Davi está todo encolhido. Ele estava massageando seu pênis. Falo com ele para parar ou pode se machucar. Ele sorri, para e vai brincar com o chinelo.

Esta é uma das situações difíceis de lidar, pois não sabemos como fazer esta intervenção corretamente, mas se não fizermos algo de imediato, em alguns minutos todos os alunos estarão fazendo o mesmo, inclusive as meninas.

Outro agravante é que dentro da UMEI Mariquinhas, existem casos de suspeita de abuso sexual e qualquer observação relatada pelas educadoras desperta novas suspeitas, provocando maiores especulações.

Existe dentro da UMEI Mariquinhas a necessidade de maiores informações e reflexão sobre a sexualidade infantil das crianças, para que saibamos agir de forma mais adequada perante as situações em que as crianças manipulam o próprio corpo.

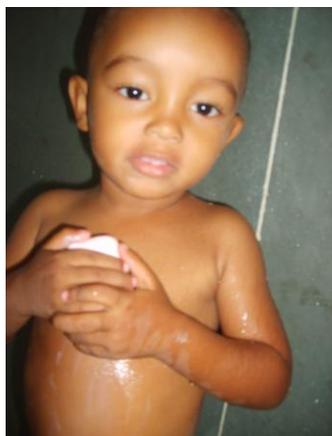


Figura 34 – Deivid na hora do banho



Figura 35 – Guilherme não aceita ajuda no banho.



Figura 36 – O kauan já não precisa de auxílio no banho.

Este banho permite a criança sentir e reconhecer o próprio corpo, desenvolver a coordenação motora da criança que precisa segurar o sabão ao mesmo tempo em que se lava e principalmente trabalha de forma lúdica a questão da higiene corporal e a autonomia de se cuidar.

Esta é a reprodução dos diálogos realizados em um dos banhos participativos.

- \_ Foi a tia Kellen quem tirou a buchinha do cabelo da Cecília- Diz Isabelly
- \_ Para que ela tirou a buchinha dela? - Pergunto
- \_ Para ela molhar o cabelo. - Diz Isabelly
- \_ Você gosta de molhar o cabelo? - Pergunto a Isabelly, que balança a cabeça confirmando.
- \_ Eu também, tia! – Diz a Cecília, sorrindo.
- \_ Gosta? – Pergunto. – E o que você gosta de passar no cabelo?

- \_ *Xampu!* – Elas respondem.
- \_ *E o que mais?* - Pergunto.
- \_ *Creme!* – Responde Isabelly
- \_ *E como que passa o creme no cabelo?* – Brinco com ela.  
     Neste momento entra a Ana Julia, contando que também tirou a buchinha para lavar os cabelos.
- \_ *Nós estamos tudo peladas!* - Diz Isabelly rindo muito.
- \_ *Vocês estão todas peladas e não vão fazer xixi para tomar o banho, não?* - Brinco com elas que se sentam nos vasos sanitários, enquanto a Isabelly volta a falar com a Ana e com a Cecília a respeito das buchinhas do cabelo.
- \_ *A tia Kellen tirou a sua buchinha e a da Cecília. A tia Lu quem tirou a minha.* –Ela diz sorrindo.
- \_ *Todo mundo tirou a buchinha.* - Afirmo para a Ana Júlia.
- \_ *O que você está fazendo?* - Pergunto a Isabelly que levanta do vaso e vai direto para o chuveiro, rindo muito.
- \_ *Eu tô molhando o cabelo!* \_ Ela responde ainda rindo.
- \_ *Mas ai está saindo só um pinguinho de água.* - Comento com ela.
- \_ *Dá pra ficar molhando o cabelo.* - Ela responde enquanto a Ana tenta entrar junto com ela.
- \_ *Agora não Aninha. É a vez da Bebelly. Senta lá. Você também Cecília.*
- \_ *Isabelly, eu vou te dar xampu, e você vai passar no cabelo direitinho. Mas não é pra me molhar toda não.* – Oriento e em seguida chamo a Ana para começar o banho.
- \_ *Agora é você, Aninha. Pode entrar.* - E passo as mesmas orientações com relação ao uso do xampu.
- \_ *Isso, Isabelly. O que é isto na sua cabeça?* - Pergunto pra Isabelly, apontando para a espuma que formou no topo da cabeça dela.
- \_ *É um xampu.* – Ela responde.
- \_ *Seu cabelo é grande ou pequeno?*
- \_ *É grande!*
- \_ *Você gosta de lavar os cabelos?*
- \_ *Gosto!*
- \_ *O que acontece quando você lava os cabelos?*
- \_ *Dói! Minha mãe puxa meu cabelo ai dói.*
- \_ *Se dói quando sua mãe penteia, por que você gosta de lavar?*
- \_ *Por que eu gosto.*
- \_ *Você gosta de brincar debaixo da água, né?*
  
- É preciso fazer uma intervenção no banho da Ana J. que está lavando a cabeça só na parte de trás.
- \_ *Lava a parte da frente também Aninha. Você está esfregado só atrás.*
- \_ *Vamos enxaguar agora.* – Falo com as duas. - *Levanta a cabeça, para não ir xampu no olho.*
- \_ *Vou colocar o creme na sua mão pra você passar. Mas tem que ser no cabelo todo!* – Aviso para as duas.
- \_ *Vamos enxaguar agora.* – Falo com as duas. - *Levanta a cabeça.*
- \_ *Posso abrir o olho?* - Pergunta.
- \_ *Pode! O creme não arde os olhos.*



Figura 37 - Ana Julia

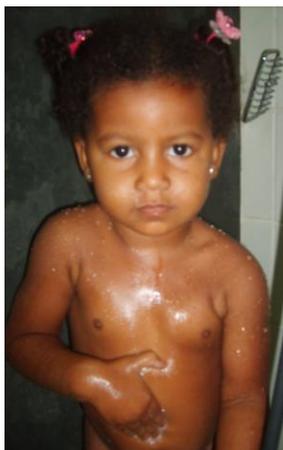


Figura 38 - Cecília



Figura 39 - Isabelly

A Cecília, que estava aguardando, afirma que ao tomar banho em casa ela chora. Eu pergunto o porquê dela chorar em casa se na escola ela não chora. Ela diz que chora porque em casa dói, então ela chora.

- \_ *Eu não choro.* – Diz Isabelly.
- \_ *Isabelly e Ana, eu vou dar o sabonete para vocês passarem no corpo.*
- \_ *O que você vai lavar agora Bebelly?* - Pergunto
- \_ *Aqui!* – Ela responde lava a parte de trás do corpo primeiro.
- \_ *E como isso chama?*
- \_ *Costas.*
- \_ *Isso mesmo. Costas.* - Confirmo. – *E depois? O que mais você lavou?*
- \_ *A perca (vagina), o braço e a perna.*
- \_ *E o que mais?* - Pergunto
- \_ *O corpo.* – Diz Isabelly, apontando para a barriga.
- \_ Isabelly e Aninha, vem enxugar e ir para sala vestir as roupas.

Após o banho é comum passarmos creme no corpo das crianças e fazer penteados nas crianças. Não é uma tarefa muito demorada, pois a turma possui apenas cinco meninas, e os meninos possuem cabelos curtos. Devido a grande quantidade de cabelos que possuem e por serem muito crespos, os cabelos da Ana C. e da Isabelly, necessitam de maior atenção e paciência para arrumar.

- \_ *Isabelly, vem pentear os cabelos. Você está penteando sozinha e vai fazer a maior bagunça no seu cabelo. O que você vai querer fazer no seu cabelo?* – Pergunto.
- \_ *Nada!*
- \_ *Como você quer que eu prenda seu cabelo?* - Questiono.
- \_ *Assim, oh!* – Ela mostra o penteado da Cecília.
- \_ *Só com um, igual o da Cecília?* – Pergunto para ter certeza.
- \_ *É, com tudo preso. Não penteia aqui, não, tá machucado.* - A Isabelly mostra o lado esquerdo da cabeça, onde há uma pequena ferida em processo de cicatrização.
- \_ *Tá, não vou pentear. Vou só juntar. Está bom?.* – Confirmo e junto o cabelo dela.

\_ *Eu já peguei minha buchinha. Aqui, oh!* – Diz a Isabelly me entregando o prendedor de cabelo.

\_ *Pronto. Do jeitinho que você pediu.* – Mostro como ficou o penteado e ela sorri.

Não se pode dizer que este projeto foi concluído, uma vez que se faz necessário dar continuidade nesta rotina criada junto à turma durante todo o ano letivo, para que realmente ele tenha um significado duradouro para as crianças. E sem a conclusão deste projeto a única avaliação possível de ser realizada é a avaliação processual e continuada da participação dos envolvidos e a evolução das habilidades das crianças, sem que sejam realizadas cobranças excessivas, mas que sejam significativas as respostas apresentadas.

## 5- A ARTE DE REPRESENTAR AOS DOIS ANOS

As crianças da turma de dois anos integral da UMEI Mariquinhas estão no início de seu desenvolvimento da linguagem oral, e, algumas já são capazes de formular frases curtas e questionamentos mais simples. Mas a maioria das crianças ainda se comunica através da expressão corporal, utilizando gestos e o contato visual.

*“É dando a voz aos que são in-fans (aquele que não fala), dando a eles inúmeras possibilidades de expressão e registro de suas experiências, que se pode dar visibilidade também à criança produtora de cultura, que se constitui como sujeito na medida em que pode se dizer e deixar marcas”.*  
(CORSINO 2010, p.42)

É comum nas crianças de dois anos repetirem, a sua maneira, tudo que escutam ou veem dentro de sala de aula, sejam as músicas que cantamos as histórias que contamos os jargões que expressamos gestos que utilizamos ou brincadeiras que fazemos. Segundo SILVA (2009), quando realiza atividades que demonstram características de imitação do outro, a criança está demonstrando seu afeto por estas pessoas que a rodeiam, uma vez que ela só imita o que lhe são atraentes, e, a linguagem é uma consequência da função imitativa.

Estas crianças de dois anos são capazes de reproduzir suas vivências e experiências quando estimuladas, e a contação de história é uma das maneiras de se estimular estas crianças. Segundo GOUVEA, (2007), descobrimos os múltiplos significados da experiência humana, construímos nossa subjetividade por intermédio do ouvir, brincar e contar histórias, na ação narrativa.



**Figura 40 - As crianças do integral participaram da oficina de contação de histórias.**



**Figura 41 – A Isabelly, o Jhonatan e o Guilherme H. eram os três porquinhos**

Elas estão no início do processo de expressão oral, e em sua maioria ainda não são totalmente capazes de expressarem verbalmente. Com o estímulo da

musicalidade, estas crianças são capazes de reproduzirem sons e buscarem seus significados na sociedade a qual estão inseridas. Segundo GOUVEA, (2007), a linguagem toma significado de veículo, forma de comunicação e interação social.

*‘A linguagem oral do homem não é senão a principal e não única manifestação de uma função simbólica mais geral’ (Gouveia,2007, p.116).*

Trabalhando com estas crianças, músicas variadas, que lhes permite melhor desenvolvimento da linguagem, utilizando aparelho de som, DVD, TV e a bandinha composta por instrumentos musicais infantis da UMEI Mariquinhas, busco nesta etapa do trabalho registrar e analisar o desenvolvimento da linguagem das crianças de dois anos da turma de integral.

A capacidade de reproduzir vivências e experiências das crianças de dois anos vai além da expressão oral. Quando estimuladas, são também capazes de representar teatralmente histórias, rotinas, experiências e vivências de seu dia a dia.

(...) ela carrega duas dimensões: a imaginação reprodutora, em que evocamos situações, acontecimentos, seres e pessoas, sendo referente ao vivido e a criadora, que envolve a invenção, a combinação de idéias para além do real. ( Gouveia,2007, p.127)

Apresentando como foco o desenvolvimento da capacidade de criar e reproduzir das crianças de dois anos da turma de integral da UMEI Mariquinhas, foi elaborado o projeto Teatro na educação infantil- Os pequenos artistas, que visa explorar o desenvolvimento da linguagem e a capacidade de produzir falas que compõem um texto, reproduzir e imitar, das crianças de dois anos, de forma a expor suas capacidades e habilidades para todas as crianças e educadoras do turno da manhã, o que possibilitará o desenvolvimento da expressão oral através da representação de ações, e que facilitará a inserção social destas crianças dentro da UMEI, uma vez que o grupo de convivência diária é restrito as crianças de mesma faixa etária, ou seja, as crianças de um ano ou berçário.

Este projeto apresentou como principais e mais significativas atividades, a construção de novos textos através da fala das crianças e a representação teatral da peça infantil “A Margarida friorenta”, pelas crianças da turma de dois anos integral, para todas as turmas do turno da manhã da UMEI Mariquinhas.

Para a realização da primeira etapa deste trabalho utilizei figuras e desenhos, que possibilitaram o estímulo do imaginário das crianças da turma de dois anos integral, visando a construção de um livro de histórias contadas pelas próprias crianças, que de maneira simples e sem receio, conseguem expressar suas emoções e vivências através de pequenas falas.



Figura 42 - Produções de textos coletivos

Ao longo do ano fizemos algumas produções de textos coletivos, umas mais significativas outras menos. Dentre as significativas, dou destaque para a história do porquinho que fez com que uma das crianças trouxesse para o mundo imaginário a reprodução de acontecimentos reais de seu dia a dia, associado às emoções que estas vivências lhe remetiam.

A presentei as crianças uma sequência de quatro imagens, sendo que uma delas era repetida. Na primeira imagem, aparecia o Cascão da turma da Mônica e seu porquinho, Chuvinista, à frente. A segunda imagem era o Chuvinista pulando na lagoa. A terceira imagem era a repetição desta mesma imagem, só que com o fundo colorido de verde e a quarta e última imagem é o Cascão indo embora bravo com o porquinho.



Figura 43- Produção do texto coletivo: O porquinho

Em uma falha minha, não reparei que na segunda imagem eu colori o fundo, mas as crianças sim, e este erro deu nova conotação a uma história que até então estava acontecendo sem dar maiores significados.

Este é um dos trechos das falas das crianças durante a contação da história.

#### Primeira cena:

\_ Oh, turminha, vamos sentar para contar uma historinha, vamos? – Chamo a atenção das crianças que acabaram de chegar do parquinho.

\_ Quem quer contar história? - Pergunto para incentivá-los a se aproximarem.

\_ Eu! – Todos respondem.

Mostro a primeira cena e pergunto o que está acontecendo. Depois de alguns segundos de silêncio vem a primeira frase:

\_ O menino pegou o porquinho! – Diz a Cecília.

\_ É ele pegou o porquinho que fugiu. – Completa o Jhonatan que até então aparentava estar disperso, brincando com o Kauan.

\_ Como o menino se chama? – Pergunto, incentivando as crianças a dar um nome ao personagem.

\_ Ele é o Athos. - Responde o Deivid.

#### Segunda cena:

Mostro a segunda imagem. Não foi preciso perguntar nada desta vez, pois as crianças começaram a falar rapidamente, assim que troco a imagem.

\_ O porquinho pulou na água! - Diz o Jhonatan.

\_ Na água do córrego. – Confirma Isabelly.

#### Terceira cena:

Apresento a terceira imagem e o Guilherme H. reage de forma emotiva. Ele começou a gritar, colocando as mãos na cabeça e me chamou de mãe, coisa que já não fazia há algum tempo.

\_ O porquinho, mãe! O Porquinho caiu na porqueira, mãe! – Grita o Guilherme, repetidamente, quase chorando.

As outras crianças ficaram olhando para o Guilherme H. assustadas, por isso mudei a cena rapidamente, sem entender o que estava acontecendo com ele e o que desencadeou a reação tão forte naquele momento.

#### **Quarta cena:**

Mostro a última imagem para as crianças, que ficam mais calmas.

\_ O Athos está bravo. - Diz a Cecília.

\_ Ele está bravo porque o porquinho pulou na porqueira! – Diz o Guilherme, finalizando a história.

Esta história foi tão significativa e marcante para as crianças que nas histórias seguintes sempre havia questionamentos de onde estava o porco, cadê o porco, esta história não tinha porco.

Perguntei a avó do Guilherme se havia algo que pudesse justificar a reação dele ao ver a terceira cena com o porco pulando na água. Segundo ela a única coisa que poderia influenciar é o fato de o tanque de lavar roupas da barraca onde moram estar com encanamento quebrado e para não molhar toda a casa ela põe uma bacia debaixo do tanque para aparar a água. O Guilherme fica brincando nesta água, e ela não gosta porque esta sempre suja e tem lodo no fundo da bacia. A avó se refere à água suja de lodo na bacia como porqueira.

Acredito que o fundo verde da terceira cena, tenha sido entendido como o lodo do fundo da bacia, onde ele é proibido de brincar, e que isto fez com que ele ficasse tão preocupado com o porquinho neste momento, pois na cena anterior, que é idêntica, ele não havia demonstrado nenhuma emoção ao ver o porco pular na água.

Todo conhecimento, principalmente para a criança da educação infantil, é construído por intermédio de vivências concretas e relações estabelecidas de acordo com sua realidade. Por esse motivo, todas as atividades devem ser planejadas, considerando a criança em seu contexto social, afetivo e cognitivo. (LUGLE, 2008, p.161)

Outra história que me chamou a atenção foi a história contada pela turma sobre a Amanda, a menina que vai visitar o Cascão e vai embora triste. De acordo com as imagens apresentadas a menina vai a casa do Cascão e no meio do

caminho encontra um porquinho. Depois que ela chega o Cascão fica bravo com ela sem motivo aparente e isto, gera uma série de suposições entre as crianças que inserem fatos da vida real delas na história de forma aleatória.



Figura 44 - Produção do texto coletivo Amanda

Esta é a reprodução das falas durante a produção desta história.

— *Sabe o que nós vamos fazer agora? Nós vamos contar historinha. Quem quer contar historinha?* – Incentivo as crianças a prestarem atenção às imagens.

— *Eu!* – Todos respondem.

— *Olhem, só! O que aconteceu aqui?* - Apresento-lhes a primeira cena.

— *Um menino!* – Diz a Ana C.

— *Um menino ou uma menina?* – Chamo a atenção das crianças, que confundiram o sexo do personagem.

— *Um menino!* - Alguns falam. – *Uma menina!* - Outros respondem.

— *É uma menina.* – Confirmo - *E o que menina fez?*

— *Ela foi correr.* – Diz a Cecilia, e o Jhonatan repete.

Mostro a segunda imagem e pergunto o que aconteceu.

— *O porco.* – Diz a Cecilia

— *O que o porco fez?* - Pergunto.

— *O porco abraçou ela.* - Responde o Jhonatan.

Eles ficam sem falas e tento incentivá-los lembrando-os que ninguém falou o nome da menina.

— *É Amanda. Ela chama Amanda.* - Diz Isabelly e todos repetem, cada um a sua maneira.

Digo o nome em voz alta e pausadamente, para que todos escutem e repitam.

Em seguida pergunto novamente o que aconteceu.

— *A Amanda soltou o porquinho no chão.* - Diz Isabelly

— *E bateu nas costas.* - Diz o Guilherme H.

— *Não, tia. Foi no joelho!* - A Cecilia corrige o Guilherme H.

Os outros alunos se desconcentraram porque o Lucas D. pegou um carrinho e começou a gritar, chamando a atenção para si. Sou obrigada a fazer uma intervenção, para chamar a atenção das crianças para a história novamente.

- \_ *E agora o que aconteceu?*
- \_ *É a Mônica!* – Diz o Deivid
- \_ *Não! É o Cascão.* - Corrige a Cecilia.
- \_ *E o que aconteceu aqui?* – Pergunto.
- \_ *Ela está na porta!* – Diz a Cecilia. - *Ela foi à casa do Cebolinha.*
- \_ *Do Cascão.* – Corrige.
- \_ *Ela está apagando a luz.* – Diz o Guilherme.
- \_ *E agora?* – Incentivo a fala das crianças que continuam atentas ao que o Lucas D. está fazendo.
- \_ *O Cascão jogou fora.* – Diz o Guilherme.
- \_ *O que ele jogou fora?* - Pergunto.
- \_ *Jogou o lixo lá fora.* – O Guilherme completa

O Lucas continua fora do grupo, não consegue participar da atividade. Ele brinca com o carrinho chamando a atenção das outras crianças, que começam a perder o interesse pela história, tornando necessário fazer intervenção.

Tomei o carrinho do Lucas e pedi para que sentasse junto com os colegas para contar história também. Ele fez birra, chorando e ameaçando bater nos outros alunos. As crianças se afastaram dele e sentaram novamente para contar o final da história.

- \_ *Deivid o que aconteceu aqui?* – Pergunto.
- \_ *Ele ficou triste.* – Diz o Deivid
- \_ *Por que?* – Pergunto.
- \_ *Porque ela beijou na boca dele.* – Diz a Cecília.
- \_ *Oh tia, ele beijou na boca?* - Pergunta a Isabelly, com feição surpresa.
- \_ *Vocês estão vendo eles beijarem na boca?* - Devolvo a pergunta da Isabelly.
- \_ *Eu não!* – A Isabelly afirma e todos repetem.
- \_ *Olha, Lucas, ela está indo embora porque está triste.* – Diz o Guilherme.
- \_ *Isso, Lucas. Presta atenção na historinha. Você não ouviu o colega falar.* – Chamo sua atenção.
- \_ *Se ela não beijou na boca e foi embora porque está triste. O que fez ela ficar triste?* – Questiono as crianças.
- \_ *Porque o Cascão está na água.* – Diz Cecilia.
- \_ *Ele nadou de cueca* - Afirma o Guilherme.
- \_ *Mas onde ele está nadando? Nem tem a imagem dele nadando.* – Questiono a fala das crianças. – *Ele está nadando de cueca? Cadê?* – Pergunto, mas ninguém consegue responder.
- \_ *Olha! O porquinho está comendo o carro.* - Diz o Lucas, que finalmente se concentra na história.
- \_ *Comendo o carro, não Lucas. Olha! O que ele está comendo é capim.* – Converso com ele, que sorri e repete a palavra capim.

As outras crianças começam a brincar dando a história por encerrada, finalizando a história ao dizer que o Cascão estava nadando de cueca, sem que houvesse nenhuma imagem, dentre as apresentadas, que sugerissem essa linha de pensamento.

Mas o que é imaginação? Falando a grosso modo é a capacidade de elaborar imagens, tanto evocando objetos e situações vividas como formando novas imagens. A imaginação funda-se numa relação com o sensível, ao mesmo tempo em que rompe ao representá-lo por meio das imagens. (GOUVEA, 2007, p. 126)

A resposta começou a ser apresentada pelas próprias crianças durante as brincadeiras e ao assistirem um desenho.

Percebo que os diálogos estão sempre relacionados a convites para irem brincar na piscina de um, nadar de cueca na piscina do outro e até mesmo nadar pelado. Sentei junto às crianças para brincar e rapidamente o Guilherme senta no meu colo e me convida para ir nadar na piscina dele.

No dia seguinte na hora da entrada questionei a avó do Guilherme se ele ganhou a piscina de alguém. Ela diz que não. A mãe havia levado a criança a uma residência que tem piscina, onde ele nadou só de cuequinha e que ficou encantado, falando para todo mundo que a mãe havia comprado uma casa com uma piscina para ele. De acordo com a avó ele também chamou todos os vizinhos para irem para a piscina.

Acredito que o ato de ter ido brincar na piscina no fim de semana com a mãe foi algo tão prazeroso para a criança, que ela trouxe isto para dentro de sala de aula e envolveu as demais crianças, e trazer isto para a história coletiva foi algo natural, que a remeteu ao prazer de brincar na água.



Figura 45 – O Guilherme faz o reconto



Figura 46 – As crianças tem livre acesso a

do texto.

História...

O estímulo a capacidade de inventar e reproduzir histórias, contos e outras experiências, permite e viabiliza a representação de peças teatrais que auxiliam no desenvolvimento da capacidade de representação e expressão corporal e oral das crianças de dois anos. De acordo com GOUVEA, (2007), a imaginação permite-nos desenvolver o pensamento criativo, fundamental para nossa inserção no mundo, e, é através dela que desenvolvemos a capacidade de elaborar imagens, evocando tanto objetos quanto situações vividas como formando novas imagens.



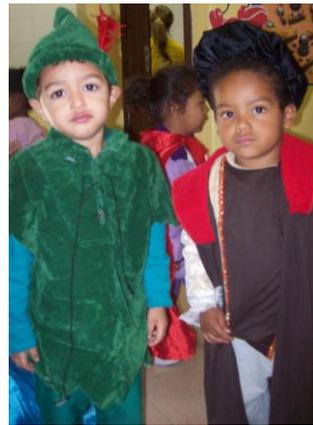
Figura 47 – A turma de dois anos se preparando para o grande dia.....

Realizando a contação de histórias, o reconto espontâneo e a criação de histórias coletivas com as crianças, de forma a garantir a capacidade de criar, imaginar, reproduzir, e estimular o desenvolvimento do raciocínio lógico e do imaginário das crianças de dois anos da turma de integral, foi preparando a turma para uma nova etapa, onde eles estariam como o centro das atenções. Estava dando início a preparação para a primeira encenação para o grupo de educadores da UMEI e seus alunos.

Esta etapa do trabalho exigiu das crianças maior compreensão do que iria ser realizado, pois elas estariam usando figurinos e representariam um determinado personagem, com falas e ações previamente determinadas, em que não estão acostumadas.



**Figura 48- O feroz Guilherme G.**



**Figura 49- O Peter Pan (Jhemerson) e o mensageiro do rei Guilherme H.**

Utilizando figurinos e fantasias do acervo da UMEI Mariquinhas para montagem dos personagens, após as contações de histórias com as crianças de dois anos, passeávamos pela UMEI, fazendo um desfile de personagens variados.

(...) é a repetição que permite à criança, compreender o mundo, experimentar emoções, elaborar suas experiências. Se o adulto o faz pela linguagem, narrando o vivido, a criança tem como estratégia a repetição.” (Gouveia,2007, p.127)



**Figura 50- O Rei Lucas O**



**Figura 51- A rainha Ana Clara**

É nesta fase do trabalho que o imaginário da criança que se faz presente no dia a dia como estímulo, viabilizando melhor desenvolvimento emocional e psicológico destas crianças e permitindo uma melhor compreensão do mundo. Segundo GOUVEA, (2007) Bachelard afirma que a imaginação se distingue do uso da razão na construção do conhecimento.

Iniciei a montagem da peça teatral com as crianças como a brincadeira de faz de conta, que realizávamos ao utilizarmos as fantasias após as contações de histórias. Apresentei as crianças somente às fantasias dos personagens que

comporiam o elenco da peça A Margarida friorenta, permitindo a cada criança escolher que personagem gostaria de ser.

#### “A MARGARIDA FRIORENTA

*Era uma vez uma Margarida num jardim.  
Quando ficou de noite, a Margarida começou a tremer.  
Aí, passou a Borboleta Azul.  
A Borboleta parou de voar.  
- Por que você está tremendo?  
- Frio!  
- Oh! É horrível ficar com frio! E logo numa noite tão escura!  
A Margarida deu uma espiada na noite.  
E se encolheu nas suas folhas.  
A Borboleta teve uma idéia:  
- Espere um pouco!  
E voou para o quarto da Ana Maria.  
\_ Psiu! Acorde!  
- An! É você, Borboleta? Como vai?  
- Eu vou bem. Mas a Margarida vai mal.  
- O que é que ela tem?  
- Frio, coitada!  
- Então já sei o remédio. É trazer a Margarida pro meu quarto!  
- Vou trazer já!  
A Borboleta pediu ao cachorro Moleque:  
- Você leva esse vaso pro quarto da Ana Maria?  
Moleque era muito inteligente.  
E levou o vaso muito bem.  
Ana Maria abriu a porta para eles.  
E deu um biscoito ao moleque.  
A Margarida ficou na mesa de cabeceira.  
Ana Maria se deitou.  
Mas ouviu um barulhinho.  
Era o vaso balançando.  
A Margarida estava tremendo.  
- Que é isso?  
- Frio!  
- Ainda? Então já sei! Vou arranjar um casaquinho pra você.  
Ana Maria tirou o casaquinho da boneca.  
Porque a boneca não estava com frio nenhum.  
E vestiu o casaquinho na Margarida.  
- Agora você está bem. Durma e sonhe com os anjos.  
Mas quem sonhou com os anjos foi Ana Maria.  
A Margarida continuou a tremer.  
Ana Maria acordou com o barulhinho.  
- Outra vez? Então já sei. Vou arranjar uma casa pra você!  
E Ana Maria arranhou uma casa para a Margarida.  
Mas quando ia adormecendo ouviu outro barulhinho.  
Era a Margarida tremendo.  
Então Ana Maria descobriu tudo.  
Foi lá e deu um beijo na Margarida.  
A Margarida parou de tremer.  
E dormiram muito bem a noite toda.  
No dia seguinte Ana Maria disse para a Borboleta Azul:  
\_ Sabe, Borboleta? O frio da Margarida não era frio de casaco não!  
E a Borboleta respondeu:  
\_ Ah! Entendi!” (ALMEIDA, 1986).*



**Figura 52 - As crianças comemoram no final da apresentação.**

A emoção das crianças diante das fantasias foi diferente das reações até então apresentadas pelo grupo. As crianças haviam compreendido que faríamos algo diferente nesta nova fase da brincadeira do faz de conta.

Peguei as fantasias de flores primeiro para saber quem gostaria ser uma linda flor do meu jardim, quase todas as crianças se manifestaram com interesse nestes personagens, restando somente duas crianças para comporem os outros personagens da peça teatral. Vesti as crianças conforme solicitaram.

Quando pergunto quem quer ser a borboleta, ninguém se apresenta para o papel. Pergunto a Isabelly se ela não gostaria de ser a borboleta que fica voando sobre as flores com suas asinhas brilhantes e desperto seu interesse pelo personagem. Ela virou nossa borboletinha oficial da peça teatral e não precisei solicitar substituta para o papel que ela assumiu com grande responsabilidade, decorando as falas e as atitudes a serem tomadas por seu personagem.



Figura 53 - Isabelly é nossa borboleta.



Figura 54 - Isabelly atua sem constrangimento diante de outras turmas.

Ao apresentar a fantasia do cachorro, o Jhonatan diz que ele queria ser o cachorro, pois ele era grande e forte, mas no decorrer dos ensaios ele disse que não queria mais ser o cachorro e sim o cravo. Percebi que essa mudança não tinha a ver com o personagem em si, mas com o fato de que o cachorro ficava afastado do seu amigo Kauan que era um dos cravos do jardim. O Deivid pediu para trocar com o Jhonatan, assumindo com responsabilidade e compreensão o papel do cachorrinho, permanecendo atento a todas as falas e sabendo exatamente o momento que seu personagem iniciaria a atuação e como proceder em cena. Todos os dias quando chega à sala a primeira coisa que faz é perguntar se neste dia ele vai usar a fantasia do cachorro.



**Figura 55 - Deivid, nosso cachorrinho.**

A primeira criança a encenar como margarida foi a Manuely, que atuou com perfeição o papel, repetindo todas as falas quando solicitada e gesticulando de maneira perfeita nos momentos certos, sem que se fizesse necessário maiores instruções, mas após os primeiros ensaios ela começou a frequentar as aulas em dias alternados e foi preciso colocar outra criança em seu lugar. E esta foi a segunda dificuldade apresentada pelo grupo. Ninguém mais queria ser a margarida, e foi preciso convencer a Cecilia de que ela também poderia ser este personagem, pois ela era muito esperta e sabe falar e fazer tudo o que a Manuely fazia. Ela aceitou o papel, mas quando a Manuely vai a aula a Cecilia exige que as duas sejam margaridas, e tudo que é feito com ela tem que ser feito com a Manu também.



**Figura 56 – A Cecília, a segunda opção de Margarida.**



**Figura 57 - A Cecília não abre mão da presença da Manuely junto a ela nas apresentações.**

O papel de Aninha da peça ficou destinado a Ana C., que, desde o início atuou com louvor. Ela não apresentou timidez durante as apresentações que realizamos para as demais turmas do turno da manhã, mas infelizmente, ela faltou nas duas últimas apresentações e fez necessário escolhermos uma nova Aninha, no último momento. De todos os personagens que precisaram ser substituídos, o de Aninha foi o único que os alunos tiveram resistência em aceitar a substituição, mesmo que temporária.



Figura 58 - A Ana C. foi nossa primeira Aninha



Figura 59 - A Ana J. finalizou as apresentações como Aninha.

Esta é a reprodução da preparação da turma no último dia de apresentação:

- \_ Turminha, vamos trocar de roupa para o teatrinho?
- \_ Tia, hoje não tem Aninha! – Diz o Deivid
- \_ É tia Lu, a Ana Clara não veio hoje. – Afirma a Isabelly.
- \_ Mas a Juju (Ana Júlia) veio, ela também é Aninha. – Respondo, apresentando uma nova opção para o personagem.
- \_ Não! Ela não é a Aninha princesa do teatrinho- Diz o Deivid, sério.
- \_ Vamos fazer assim. A Ana Júlia vai ser a Aninha só hoje, porque se não, as turmas de quatro anos não vão ver o teatrinho. Pode ser? - Converso com eles
- \_ É só hoje? – O Deivid insiste.
- \_ É só hoje, Deivid. – Afirmo. Ele concorda, veste a fantasia e começa a andar de quatro como um cachorro.



Figura 60 - Ana C. e Cecilia: o abraço da Aninha na Margarida friorenta.

As crianças criam laços de afetividade entre si, que veem acompanhados de muita responsabilidade para com o que estão fazendo. As apresentações para as demais turmas não saiu exatamente como estava escrito no texto, nem foram idênticas umas as outras, mas, com certeza, elas foram perfeitas para estas crianças que agiram com extremo carinho, dedicação, responsabilidade e atenção. Houve momentos de descontração em que as crianças esqueciam que estavam encenando uma peça e se misturavam a platéia ou simplesmente andavam pelo cenário. Isto era normal, pois as peças foram encenadas dentro de sala de aula, local onde estão

acostumados a andar e brincar livremente, mas isto não tirou a graça e a importância de sua atuação.



**Figura 61 - A Ana cobre as margaridas**



**Figura 62 - A Cecilia pede que a Ana cubra e abrace a Manuely também.**

São crianças pequenas tendo atitudes de criança, sem medo de tentar e errar, e com enorme vontade de aprender e demonstrar do que é capaz. De acordo com SILVA (2009), a aprendizagem tem uma importância decisiva para a sobrevivência humana, pois é através dela que desenvolvemos a linguagem, considerada como instrumento e suporte do pensamento e da interação com o outro.

As crianças defenderam seus personagens assim como defenderam o direito de cada um em atuar no seu papel preferido, demonstrando maturidade acima da esperada para a faixa etária a qual se incluem. Elas levaram para casa tudo o que foi realizado na escola, contando aos familiares o que cada criança é, e qual sua função sem desmerecer nenhum personagem, compreendendo que cada um tem a sua importância para que tudo saísse bem.



**Figura 63 - A borboleta Isabelly, busca a Manuely no jardim, mesmo ela estando caracterizada como rosa e não de margarida.**

Estas crianças pequenas no tamanho, com seus gestos e falas, prenderam a atenção das crianças maiores e mostraram aos demais educadores que também são capazes de grandes feitos e conquistas, só precisam de orientação e estímulo, pois vontade e interesse em aprender não lhes faltam.

## **6- O COMPARTILHAR DAS REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DAS CRIANÇAS DE DOIS ANOS**

Com o desenvolvimento deste plano de ação, pude constatar que não me bastava apenas desenvolver atividades que exaltassem as capacidades e potencialidades das crianças de dois anos da turma integral. Era necessário detectar e superar as principais dificuldades em se trabalhar com estas crianças, reduzindo os dilemas encontrados ao tentarmos oferecer um atendimento de qualidade, em um ambiente onde o cuidar e o educar aconteça de forma consciente e prazerosa pelos educadores.

Desenvolver projetos que tenham significado para estas crianças, estimulando suas capacidades, respeitando suas capacidades, mas que promovessem a autonomia e a autoestima, e, ao mesmo tempo promovam a satisfação dos demais educadores que atuam com a turma demonstrou ser uma tarefa difícil de ser alcançada, principalmente porque um dos principais motivos deste estudo é despertar o interesse dos demais educadores da UMEI em atuar junto às crianças de dois anos de tempo integral.

Houve momentos em que pensei em desistir, pois as retaliações, as críticas e a indiferença por parte das demais educadoras atuantes junto à turma, eram incessáveis e desestimulantes. Segui em frente em consideração ao apoio recebido de poucas educadoras que compreendiam que toda criança precisa passar por um período de adaptação até alcançar a autonomia necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades e capacidades.

A superação das crianças de dois anos ao período de adaptação, a inserção da nova rotina que favorecem o desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo, mostra o quanto foram importantes as atividades desenvolvidas durante a concretização dos projetos elaborados no decorrer do plano de intervenção pedagógica da UMEI Mariquinhas.

O principal objetivo deste texto era a construção de um trabalho pedagógico com as crianças da turma de dois anos integral que ampliassem e evidenciassem suas capacidades ainda não percebidas por grande parte dos educadores da UMEI Mariquinhas, compartilhando as reflexões sobre as potencialidades destas crianças

em uma tentativa de despertar o interesse destes educadores em atuar junto a estas crianças.

Provocar, através do estímulo ao desenvolvimento da autonomia, da linguagem das crianças de dois anos, do respeito e admiração em relação às mesmas, exigiu que fossem elaboradas atividades que permitissem a interação destas crianças às demais crianças do turno da manhã da UMEI Mariquinhas.

As contação de histórias, os recontos, as montagens de textos coletivos e montagem da peça teatral junto às crianças foram um aprendizado não somente com para as mesmas, mas, também, para alguns educadores, que apresentavam uma visão desfocada da turma.

A partir destes trabalhos, principalmente das apresentações teatrais, algumas educadoras obtiveram um novo olhar para as crianças, vendo que são capazes de desenvolver atividades de acordo com a sua faixa etária. Porém alguns profissionais da educação infantil precisam despir do preconceito, do medo, do comodismo e da insegurança que tem em relação à capacidade do desenvolvimento das crianças de dois anos, deixando que elas desenvolvam autonomia em relação aos cuidados com seu corpo, sua higiene e seus pertences, pois a falta de confiança e de estímulo em suas capacidades dificulta que as crianças se desenvolvam. Temos que ter a consciência que a escola deve constituir-se em continuidade e ampliação das experiências das crianças.

Considero uma grande conquista das crianças de dois anos integral, o despertar da atenção e do interesse de alguns novos educadores, que até então, apresentavam certa resistência com os alunos de dois anos, em atuar junto a essa faixa etária, e a partir das apresentações das crianças, espero que os demais educadores comecem a refletir que elas são capazes de nos ensinar ao ponto de nos surpreendermos com suas capacidades e potencialidades.

Receio que este trabalho apresente uma visão parcial e tendenciosa da situação, devido as minhas angústias quanto educadora atuante há cinco anos nas turmas de dois anos integral da UMEI Mariquinhas. Esta fixação nesta posição não é decorrente dos meus desejos em atuar somente nesta faixa etária, mas da necessidade que se faz presente, devido à exclusão que esta turma sofre, por parte de alguns educadores que se recusam a atuar junto à mesma.

Não há como negar a grande satisfação ao ver que, algumas educadoras demonstraram interesse por estas crianças a ponto de questionar sobre a rotina, as

potencialidades e capacidades das crianças, quais os principais interesses da turma, e, quais as maiores dificuldades que nós, educadoras, encontramos ao longo do ano letivo, fazendo uma análise comparativa de suas habilidades e limitações, declarando interesse em trabalhar com a turma.

Este foi sem dúvida alguma o momento de grande alegria, onde pude perceber que não foi em vão o trabalho desenvolvido com as crianças dentro da UMEI Mariquinhas, e que as crianças tiveram suas capacidades e habilidades reconhecidas por todas as educadoras, não só do grupo de educadores do turno da manhã, mas também pelas educadoras da tarde, que parabenizaram pelos resultados alcançados pelas crianças e com as crianças.

## 7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A Margarida Friorenta**. São Paulo: Ática, 1986. 32p. 7 ed.
- BARBOSA, Maria Carmem S.; HORN, Maria da Graça S. Diferenças de Projetos na Creche e na pré-escola. In: BARBOSA, Maria Carmem S.; HORN, Maria da Graça S. **Projetos Pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Cap. 6, p. 71-84
- BARBOSA, Maria Carmem S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 236p.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Fundamentos da Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução. In: BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. Cap. 1, p. 19-84.
- BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (org.) **O segundo ano de vida**. In: Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos. Porto Alegre: Artmed, 1998. Cap.7, p.129-146.
- BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (org.). Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos. In: Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos Porto Alegre: Artmed, 1998. Cap.11-158, p.189-258.
- BRACARENSE, Marcela Regina Aguilari; GOULART, Maria Inês Mafa. A criança do berçário: é possível identificar suas demandas?. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.12, n. 72, p. 44-53, Nov/dez. 2004.
- CORRÊA, Hércules; MARTINS, Aracy; PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (orgs). A criança e a linguagem: entre palavras e coisas. In: CORRÊA, Hércules; MARTINS, Aracy; PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (orgs). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: CEALE: Autentica, 2007. Cap. 7, p. 111-134.
- CORSINO, Patrícia. Linguagem na prática pedagógica. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.16, n. 91, p. 40-49, jan/fev.2010.
- DALBEN, Angela I.L. Freitas. (coord.); et al. Educação Infantil no Sistema Municipal de Ensino. In: DALBEN, Angela I.L. Freitas. (coord.); et al. **Educação Infantil: O Desafio da Oferta Pública**. Belo Horizonte: GAME/FAE/UFMG, 2002. Cap. 2, p. 35-66.

FORMOSINHO, Júlia O.; KISHIMOTO, Tizuko M.; PINAZZA, Mônica A. (org). Vygotsky: uma abordagem histórico- cultural da educação infantil. In: FORMOSINHO, Júlia O.; KISHIMOTO, Tizuko M.; PINAZZA, Mônica A. (org). **Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado. Construindo o futuro.** Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap.9, p. 219-248.

GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sônia. O educador- referência. In: GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sônia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creches, 2ª.** Porto Alegre: Artmed, 2006, cap.3, p. 53-69.

GRELLMANN, Janete M. Pascotini; WIECZOREK, Adelaide Meireles. Influência dos contos de fadas na formação da criança. **Criar.** Sumaré, ano2, n.12, p. 16. Nov/dez. 2006.

HORN, Maria da Graça S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MONTIPÓ, Simone de Souza Muller. Contos de Fadas: os contos e seus (des)encantos. **Criar.** Sumaré, ano3, n.13, p. 26-29. Jan/fev.2007.

RAPOPORT, Andréa. Adaptação de bebês a creche: a importância da atenção de pais e educadores. Porto Alegre: Mediação, 2005, 88p.

SILVA, Marilete Geralda da. Desenvolvimento da linguagem na psicogenética walloniana. **Presença Pedagógica,** Belo Horizonte, v.15, n. 90, p. 46-53, Nov/dez. 2009.

TERZI, Cleide do Amaral; SAISI, Neide Barbosa. Reggio Emilia e o crescimento cognitivo e afetivo da criança. **Criar.** Sumaré, ano2, n.10, p. 26-29. Jul/ago.2006.

## **8- APÊNDICES**

### **8.1 – Projeto Semestral desenvolvido com as crianças de dois anos integral no primeiro semestre do ano de 2010.**

*Unidade Municipal de Educação Infantil Mariquinhas*

## **PROJETO EU E O MUNDO:**

### **OLHA-ME AQUI!**

#### **1- JUSTIFICATIVA:**

Para termos boa saúde é preciso que tenhamos alguns cuidados como manter nosso corpo limpo, ir ao dentista, tomar todas as vacinas, manter boa alimentação e descansar.

A faixa etária de até dois anos de idade é única, por estar passando por transformações em termos de independência e separação, a criança costuma ser incerta e demonstra atitudes de resistência, e, apoio e estímulo é fundamental para que esta fase seja tranquila. É também neste período que as crianças consomem muito açúcar, colocam todos os objetos encontrados na boca, brincam de rolar no chão e outras brincadeiras que envolvem o contato com outras superfícies, sendo necessário um trabalho de conscientização da higiene corporal e bucal e hábitos alimentares, evitando assim o surgimento de caries, problemas de obesidade infantil e reduzir os efeitos do contato com as bactérias que chegam a nosso corpo.

O projeto eu e o mundo: Olha-me aqui! será desenvolvido com as crianças da turma de dois anos integral, que estão na fase da primeira dentição (dentes de leite) e início do controle de esfíncteres.

Este projeto visa contribuir para que estas crianças possam por meio das múltiplas linguagens se apropriarem do conhecimento do mundo e perceberem o outro e a si mesma como sujeito de direitos que esta se constituindo no mundo e com a ajuda do adulto aprender a importância de se ter uma boa saúde.

## **2- OBJETIVO GERAL:**

Criar, desenvolver e valorizar os conceitos e hábitos básicos de higiene e saúde alimentar, enfatizando hábitos de higiene pessoal, com a alimentação e para com o local onde vivemos.

## **3- OBJETIVOS ESPECIFICOS:**

- Concretizar a transição de controle de esfíncteres;
- Reafirmar a necessidade de manter a higiene das mãos após a utilização do banheiro e antes das refeições;
- Reforçar as necessidades de manter a escovação diária dos dentes ao acordar, após as refeições e a antes de dormir;
- Reafirmar a necessidade do banho diário;
- Compreender a importância da higiene para com os alimentos (lavar os alimentos antes de consumir);
- Falar sobre a boa alimentação, reconhecendo a sua importância;
- Apresentar alguns alimentos que fazem parte de nossa alimentação e que são ricos em vitaminas;
- Desenvolver receitas nutritivas com os alunos.

## **4- DESENVOLVIMENTO:**

- Contação de histórias;
- Confecção de máscaras;
- Cantar músicas infantis voltadas para higiene e boa alimentação;
- Brincadeiras;
- Atividades em matrizes;

- Confecção de quebra cabeças;
- Conversa informativa sobre higiene;
- Rodinha informativa sobre boa alimentação;
- Montar mural de rótulos apresentados pelos alunos;
- Montar murais de datas comemorativas;
- Rodinhas informativas sobre as datas comemorativas;
- Atividades com recortes de revistas e jornais;
- Levar para sala de aula diversos tipos de frutas, verduras e cereais;
- Desenvolver e preparar receitas nutritivas com os alunos (sucos, vitaminas salada de frutas, bolos, pipocas, amendoim salgado, etc.);
- Levar materiais diversos relacionados à higiene (escovas, creme dental sem flúor, anti-séptico bucal, fio dental, shampoo, condicionador, sabonete, álcool em gel, pentes, escovas para cabelo);
- Montagem de estandartes.

## **5- AVALIAÇÃO:**

A avaliação ocorrerá de forma processual e continuada sendo de carácter formativa. Serão utilizados entre outros recursos a observação, registro no portfólio, a discussão participativa dos envolvidos e a exposição de materiais.

## **6- RECURSOS MATERIAIS:**

DVD (filmes diversos)

Coleção os dentinhos

Giz com cores fortes (uma caixa)

Lápis de cor (9 cx)

Xerox

Papel craft (30 folhas)

Folha A3 ( 1 pct)

Folha papel cartão tamanho A4com cores diversas (4)

Tinta guache (11 potes: marrom, branco, preto, azul e verde claro e escuro, amarelo, vermelho, rosa e laranja)

Cola colorida ( 3 cx)  
Cola colorida com glitter ( 3 cx)  
Cola ( 1 tubo M e um vidro G para reposição)  
Brocal e glitter de cores diversas  
Pinceis ( 5 G)  
Caneta para tecido preta ( 10 unid)  
EVA de cores diversas (10 unid.)  
TNT ( 2m branco e 2m amarelo)  
Tinta para tecido (8 potes: marrom, branco, preto, azul, verde, amarelo, vermelho, rosa)  
Fitas coloridas ( 1 rolo vermelho e 1 rolo azul)  
Cola quente ( 1 pistola G e 10 refil)  
Filme para maquina fotográfica ( 4 de 36 poses)  
Escovas de dente (20+20 (reposição))  
Creme dental sem flúor ( 3 unid)  
Anti- séptico bucal (1 G)  
Fio dental ( 1 G)  
Escovas para cabelo (3)  
Alcool em gel ( 5 unid)  
Papel cartão (36 folhas, 4 de cada cor: marrom, verde e azul claro e escuro, vermelho, rosa, amarelo e laranja)  
Contact (3 metros)  
L de cores variadas  
Lantejolas (3 cores diferentes)  
Papel crepom de cores variadas  
Giz de cera (9 caixas)  
Massa de modelar (15 caixas)  
Algodão (1 pacote G)

**8.2 – Projeto Semestral desenvolvido com as crianças de dois anos integral no segundo semestre do ano de 2010.**

*Unidade Municipal de Educao Infantil Mariquinhas*

**PROJETO TEATRO NA EDUCAO INFANTIL:**

# OS PEQUENOS ARTISTAS

## 1- JUSTIFICATIVA:

As crianças de dois anos são caracterizadas por sua capacidade de representar, ou seja, repetir falas, imaginar e brincar de faz de conta, que são de extrema importância em sua interação com o mundo, permitindo a criança assimilar o real. Através do brincar a criança reflete, ordena, organiza e desorganiza, reconstrói o mundo a sua volta, expressando seus sentimentos e conhecimentos construídos a partir das experiências vividas

Na Educação Infantil, o brincar é parâmetro para o desenvolvimento integral da criança. Sendo assim, é por meio da brincadeira e da fantasia que a criança se apropria do mundo adulto, das regras e da complexidade sócio-cultural da sociedade a qual pertence. Sendo assim uma proposta de Educação Infantil de qualidade compreende o papel fundamental do brincar, bem como as possibilidades de compor uma proposta pedagógica que de fato promova um desenvolvimento infantil de qualidade.

Dentro desta proposta, o teatro trabalha uma linguagem que oportuniza formas de manifestação que permite que a criança utilize as diferentes formas de linguagem da sociedade como a corporal, a verbal, a plástica, a escrita, entre outras expressando suas próprias vivências e experiências de maneira mais crítica e como isso, a criança analisa e avalia o resultado de suas ações interagindo de maneira mais eficaz no meio social em que vive.

O projeto Teatro na educação infantil: Os pequenos artistas, será desenvolvido com as crianças da turma de dois anos integral, que estão em fase de desenvolvimento da linguagem oral, apresentando como objetivo a criação de situações de representação, nas quais as crianças possam construir seu conhecimento acerca da realidade que ardeia, utilizando o faz de conta como instrumento que permitirá a criança expressar a forma como ela entende e reflete o mundo.

Este projeto visa contribuir para que estas crianças possam por meio de atividades lúdicas, maximizar as oportunidades de desenvolvimento da linguagem oral, reforçar a autoestima e a autonomia, oferecendo e proporcionando oportunidades da criança vivenciar a fase simbólica pela qual estão passando.

## **2- OBJETIVO GERAL:**

Estimular e reforçar a oralidade, a capacidade de falar e ouvir, a partir daquilo que a criança escuta e reproduz acrescentando seu próprio vocabulário, trabalhando as expressões corporais, as relações sociais e a confiança em si.

## **3- OBJETIVOS ESPECIFICOS:**

- Desenvolve uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos e cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e seus pares, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;

## **4- DESENVOLVIMENTO:**

- Contação de histórias diversas;
- Produção de textos coletivos;
- Seleção da história a ser representada;

- Organizar e realizar ensaios;
- Exposição dos textos coletivos;
- Apresentação do teatro para as turmas do turno da manhã.

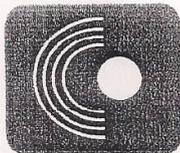
## **5- AVALIAÇÃO:**

A avaliação será a partir da participação e interesse do grupo durante todo o desenvolvimento do trabalho. Levando-os a observar, criticar, sugerir e decidir, modificando sempre que for necessário.

## **6- RECURSOS MATERIAIS:**

- Xerox de imagens sequenciadas;
- Papel A3
- Papel cartão;
- Lápis de cor;
- Giz de cera.
- Hidrocor
- Durex colorido ( cores diversas)
- Fantasias
- Livros de literatura infantil diversos.

### **8.3 – Autorizações para desenvolvimento e conclusão da pesquisa junto às crianças de dois anos integral do ano de 2010 da UMEI Mariquinhas**



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Maria das Graças de Castro Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

*Adriana de Oliveira*

Carla Andreia de Oliveira  
VICE-DIRETOR DE UMEI  
BM: 42.786-5  
NOMEAÇÃO DOM 15/01/10

Assinatura dos pais ou responsáveis:

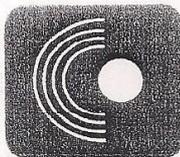
*Paulene Alves*

Nome(s) dos(as) filhos(as)

Ana Clara Alves Triana

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Maria das Graças de Castro Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) de

escoliveira  
VICE-DIRETOR DE UME  
BM: 42.786-S  
NOMEAÇÃO DOM 15/01

Assinatura dos pais ou responsáveis:

Deus de Souza Silva

Nome(s) dos(as) filhos(as) Ana Júlia de Oliveira

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Maria das Graças de Castro Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

edoliveira  
VICE-DIRETOR DE UMEI  
BM: 42.780-S  
NOMEAÇÃO DOM 15/01/11

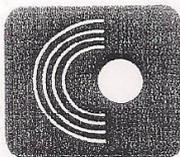
Assinatura dos pais ou responsáveis:

Tatiana Paula Santiago dos Santos

Nome(s) dos(as) filhos(as) Carlos Eduardo Santiago

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edoliveira

VICE-DIRETOR DE L.  
BN: 42 786-7  
NOMEAÇÃO D.

Assinatura dos pais ou responsáveis:

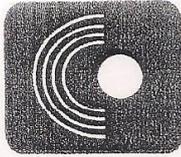
Numa

Nome(s) dos(as) filhos(as)

Lucília Gabruele Rocha  
Silva

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo,  
como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Maria das Graças de Castro Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

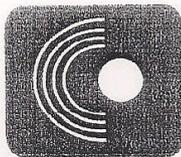
De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edoliveira  
Carla Anorela de ...  
VICE-DIRETOR DE UMEI  
BM: 42.786-5  
NOMEAÇÃO DOM: 15/01/09

Assinatura dos pais ou responsáveis:

marli marais de Paula

Nome(s) dos(as) filhos(as) Wavi Martiniano Moraes



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo,  
como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci  
Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Carla Andreia da Silva  
VICE-DIRETOR DE UN  
EM: 42.758-5  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

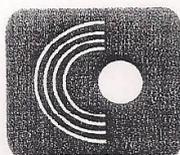
Assinatura dos pais ou responsáveis:

Luciene P. dos Santos

Nome(s) dos(as) filhos(as) David Henrique dos Santos Aires

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Maria das Graças de Castro Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

edoliveira

Carla Andreia  
VICE-DIRETOR DE  
BM: 42.786-5  
NOMEÇÃO: 10/11/10

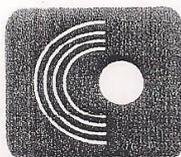
Assinatura dos pais ou responsáveis:

Nadirley Felipe de Souza

Nome(s) dos(as) filhos(as) Guilherme Gonçalves de Souza

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Ruciana Paula de Melo,  
como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci  
Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Adoliveira  
Carla Andréa  
VICE-DIRETORA  
BOL 42 756  
NOMEACAO

Assinatura dos pais ou responsáveis:

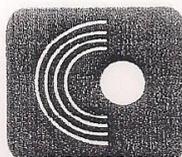
Márcia Rita Nolasco

Nome(s) dos(as) filhos(as)

Guilherme Henrique Nolasco da Rocha

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo,  
como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci  
Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Adoliveira  
Carla Andreia de  
VICE-DIRETOR DE  
RMI 42.786-5  
NOME

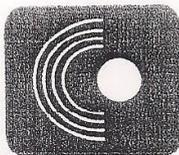
Assinatura dos pais ou responsáveis:

Elisângela dos Santos Maria Coelho

Nome(s) dos(as) filhos(as) Isabelly Vitória Davila  
Coelho

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paulo de Melo,  
como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

Edoliveira

Carla Anacleto  
VICE-DIRETORA  
BÁSICA  
NOME:

Assinatura dos pais ou responsáveis:

Márcia da Silva e Marlene da Silva

Nome(s) dos(as) filhos(as) ghemerson Santos Ferreira

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Buciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Castro Bregunci

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

edoliveira

Carla Andreia de O. V.  
VICE-DIRETOR DE UNEI  
BM: 42.786-5  
NOMEAÇÃO DOM 15/01/09

Assinatura dos pais ou responsáveis:

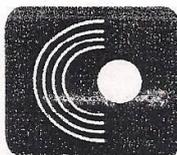
Adriana Aparecida Borges

Nome(s) dos(as) filhos(as)

Jonathan Andrew Ferreira Borges

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Maria das Graças de Castro Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola)

*Esoliveira*

Carla Andreia de Olive.  
VICE-DIRETOR DE UMEI  
BM: 42.786-5  
NOMEAÇÃO DOM 15/01/09

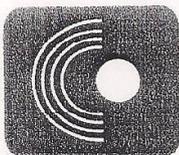
Assinatura dos pais ou responsáveis.

*[Assinatura]*

Nome(s) dos(as) filhos(as) Kauan Victor da Silva

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Maria das Graças de Castro Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

de Oliveira

Carla Andreia de Oliveira  
VICE-DIRETOR DE UMEI  
BM: 42.786-5  
NOMEAÇÃO DOM 15/11/11

Assinatura dos pais ou responsáveis:

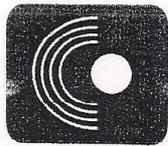
Jociane A. da Silva

Nome(s) dos(as) filhos(as)

Bucas Klavi Almeida  
de Oliveira

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Ruizama Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

*Edliveira*

Carla Andreta de S.  
VICE-DIRETOR DE UME  
BM 42.786-5  
NOMEAÇÃO 007

Priscila Alves F. Kanashiro

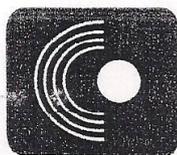
Assinatura dos pais ou responsáveis:

Nome(s) dos(as) filhos(as)

Lucas Otávio Kanashiro  
dos Santos

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Pós Graduação em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

Senhores pais

Solicitamos sua autorização para a participação de seu(s) filho(s) em projeto desenvolvido, nesta escola, pelo(a) professor(a):

Luciana Paula de Melo

como trabalho exigido por seu curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação.

Esclarecemos que este trabalho será orientado por professores da UFMG e que seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos também sua autorização para que as atividades escolares que envolverão seu(s) filho(s) possam ser fotografadas ou filmadas, para uso exclusivo nos relatos dos professores.

Atenciosamente,

*Maria das Graças de Castro Bregunci*

Profa. Maria das Graças de Castro Bregunci  
Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Docência na Educação Básica-UFMG

De acordo: (assinatura/carimbo da escola) -

*Carla Andreia de O...*  
VICE-DIRETOR DE UME  
BM: 42.786-S  
NOMEAÇÃO DOM: 5/7

*Edoliveira*  
Assinatura dos pais ou responsáveis:

*Manuel Pereira*

Nome(s) dos(as) filhos(as)

*Manuely Queiroz Pereira*

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (031) 3409-6369  
Fax: (031) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb